



le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



Handwritten signature or name, possibly "Handwritten" or "Handwritten", written in a cursive style.

HENRIQUE CASTRICIANO

VIBRAÇÕES

Vibrar, viver.
** Raul Pompila.*

NATAL

BIO GRANDE DO NORTE

1903

CONTRIBUIÇÃO
DO
Gremio Polymathico

— — —
OBRAS PUBLICADAS
— — —

RUINAS—VERSOS—*Henrique Castriciano.*

MÃE—POEMA—*Henrique Castriciano.*

QUARTO CENTENARIO — DISCURSO — *Henrique
Castriciano.*

Revista do Rio Grande do Norte—2 volumes.

HORTO—VERSOS—*Auta de Souza.*

VIBRAÇÕES—POEMA—*Henrique Castriciano.*

Ao Dr.

Alberto Maranhão

L'imagination, d'un vol hardi, aspire
d'abord à l'éternité ; puis un petit es-
pace suffit bientôt aux débris de tou-
tes nos espérances trompées.

GÆTHER : *Le Faust*. Traducção de
H. BLASE.

La Nature est un temple où de vivantes piliers
Laissent parfois sortir de confuses paroles ;
L'homme y passe à travers des forêts de symboles
Qui l'observent avec des regards familiers.

Ch : BAUDELAIRE : *Les fleurs du Mal*.

VIBRAÇÕES

Que suggestivo nome encontrou o meu distincto amigo para este seu novo volume de versos ! Vibrações ! Os phenomenos cosmicos reduzem-se a movimentos vibratorios. A vida é um modo particular de vibração dos seres. Mas o ser vibratil por excellencia é o poeta, cuja alma resôa tangida pelas idéas e pelos sentimentos, quer surjam das fundas obscuridades do mundo psychico inconsciente, quer sejam actuações visiveis do meio ambiente ; cujo sensorio empresta harmonias extranhas á dor e ao prazer, ao enthusiasmo e ao desalento ; cuja imaginação fecunda transforma em gratas melodias as trivialidades monotonas da vida ; cuja intelligencia superexcitada constrôe mundos ideaes, cheios de luz e de sonoridades, onde gostamos de nos refugiar todos os que aspiramos uma existencia melhor para a soffredora humanidade, tam morosa na ascensão que vem fazendo para a luz.

E' por isso, é por que vibram ao passar dos ventos que sopram de todos os pontos do horisonte, que os poetas representam melhor um povo e melhor resumem uma epoca do que outro artista qualquer e do que os cultores das sciencias. A sciencia é objectivista: interpreta um determinado aspecto da natureza, colhendo os recursos onde quer que os encontre. Mesmo as especulações philosophicas, si deixam transparecer as influencias da raça e do momento, são bastante abstractas, bastante transcendentés, para romper os moldes estreitos que lembrem a personalidade creadora, e para dissolverem as tintas que assignalem o meio onde brotaram. Falo, bem se vê, das vastas concepções destinadas a uma vida duradoura através das metaboles do pensamento humano.

A philosophia e a sciencia são cosmopolitas. A poesia não: é por natureza subjectivista, pesso-

al, malleavel, mesmo quando se julga liberta das influências individuaes e aspira ao objectivismo pela pintura dos quadros e das paisagens ou pela discussão dos problemas sociaes; e, por isso mesmo que é subjectivista e que exprime uma superexcitação cerebral, reflecte os influxos do exterior com a maxima intensidade: — é vibração.

A poesia é o sentimento traduzindo-se por imagens expressivas, pelo rythmo da phrase, pela musica dos vocabulos, pela mysteriosa linguagem das assonancias, cousas estas extremamente variaveis.

As qualidades psychicas de sensibilidade e imaginação que constituem o poeta, a emotividade e a representação que tornam possível a obra poetica, são as mesmas em toda parte; mas os sentimentos que excitam o artista do verso e as formas que objectivam a poesia teem a transitorieda-

de das flores que brilham segundo as estações. Sem duvida que ainda hoje admiramos as bellezas de Homero; porem a emoção esthetica que reça da *Illiada* e da *Odysséa* não se nos communica tam intensamente nem tam facilmente quanto se transmittia aos hellenos. E para melhor sentirmos as bellezas das rapsodias cantadas pelos homeridas, precisamos, como observa Littré, de nos transportar ao tempo em que floresciaam as primeiras, mas já possantes, manifestações da cultura grega.

E' bem certo o que diz Eug. VERON: "O poeta, para actuar sobre a sua geração, ha de reflectir algumas das idéas, dos habitos, dos sentimentos, das aspirações que a animam. Seu merito é o de exprimir esses factos do espirito de um modo superior, mais completo e mais vibrante, no qual os contemporaneos reconheçam as suas proprias emoções elevadas de muitos graus."

Isto quer dizer : o poeta deve ter uma alma que vibre ao choque das idéas e dos sentimentos predominantes em sua epoca e em seu meio..

*
* *

A sua nova collecção de versos tem notas felizes para traduzir muitas das facetas da alma contemporanea, tam dolorida, tam conturbada, mas, não obstante, voltada sempre para o sol onde brilha a verdade e onde talvez esteja a libertação final. E' portanto, um bello conjuncto de *vibrações* harmoniosas, despertadas em sua alma de artista pelas ondulações do sentir da sociedade contemporanea.

Estas *Vibrações* consagra-l-o-iam poeta, si o

meu illustre amigo já não tivesse conquistado essa laurea com trabalhos anteriores.

Demais a poesia é, entre os seus, um dom de familia.

Este ultimo pensamento suscita-me um confronto que eu resumirei em poucas palavras. Auta de Souza, alma dolorida e terna, canta no *Horto* como si atravessasse a existencia com os olhos fitos no céo, impressionando-se menos com as idéas que agitam o mundo em que vive do que com as intimas aspirações que o mysticismo lhe suggere, do que com as visões que a crença lhe descortina em outros mundos. Seus versos teem a doçura maguada dos que soffrem resignados.

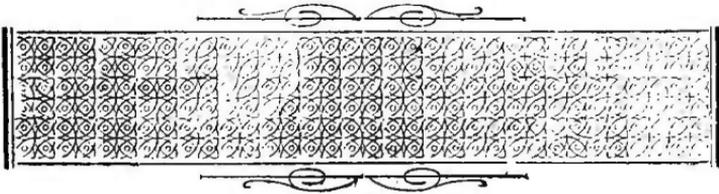
Nas *Vibrações*, porém, o poeta mostra-se dominado por outros ideaes, tem confiança nos altos destinos da humanidade. Seu verso é mais forte, mais animado, repercute melhor o rumor tempes-

tuoso do mundo que avança em sua marcha ascensional, arquejante, suarento, estuoso, combalido,—mas lutando sempre, com a esperança de vencer.

Recife, 15 de Abril de 1903.

Clovis BEVILÁQUA.

Vibrações



I

Vibrar! sentir! viver!

Doce mulher piedosa,
Vem commigo escutar a musica dos sinos
Ao calido esplendor d'esta manhã radiosa.
Aperta a minha mão nos teus dedos divinos
E deixa palpitár, bem junto ao meu, chorando,
Teu coração que morre a vibrar, palpitando...
Afastemos da Terra o Sonho, o Pensamento,
E subamos nós dois, sobre as azas do Vento.
Embalados na voz da infinita saudade
Que prantêa no bronze e vôa á Imniensidade..
Quentes, quentes de luz, quentes de sol e quentes
Dos clarões immortaes dos Astros esplendentes,

Narremos um ao outro, o doloroso aneio
Que pulsa na minh'alma e resôa em teu seio.
O bronze é como nós, é como nós o sino
A clamar e a gemer nas torres solitarias.
Elle tem, como nós, o miserere e o hymno,
Os psalmos ideaes e as canções mortuarias.
Ora a tanger feliz, ora a bradar maldito,
Elle tem, como nós, um'alma, um coração,
Que soluça na Terra e procura o Infinito
Que ascende para o Azul e morre sobre o chão.
Elle tem como nós. . . O' meu lyrio fanado,
O Amor abrange tudo e o sino tambem ama
Desde a noiva gracil, cujo sonho proclama,
Té o morto infeliz, cujo nome adorado
Elle vae repetindo, em endeixas estranhas,
A's Cidades e ao Céu, aos Mares e ás Montanhas!

II

A Força que dá vida e fecunda o Universo
E' uma em toda a parte: anda a l'uzir em tudo
E em tudo anda a vibrar n'um cantico disperso.
Eu encontro a tu'Alma, o teu sorriso mudo
Em toda a parte, ó santa! A prece do teu seio,
A queixosa oração que elevas, n'um anseio,
E sobe para o céu nos raios do luar;
O som da tua fala, a voz do teu olhar
A dizer-me, em silencio, o dorido mysterio
Que abre as azas em ti, como no espaço ethereo;
A meiga vibração de teu collo de rôla,
Brando como um gorgueio eterno como uma esmola;
A casta morbidez que o teu perfil encerra...
Isso não é tu'Alma: é a Alma da Terra
Dividida por ti, repartida no espaço,
Cem mil vidas ligando a pulsar, n'um abraço,
A tua á minha vida; a transbordar n'esse hymno
Que ascende para o Azul, cantado pelo sino,
Pelo bronze,—que vae derramando a nossa Alma
Na rubra solidão das Espheras sem calma,
E nos vae conduzindo, em endeixas estranhas,
A's Florestas e ao Céu, aos Mares e ás Montanhas!

III

Vibrar! sentir! viver! Coração fatigado
De soffrer e sorrir á amargura do Tédio,
Sentindo que a existencia era um mal sem remedio,
Eu ia pelo mundo arrastando o meu fado.
E dizia commigo: a Vida é um pesadello
Um abysmo feral: só a Morte ha de encher-o.
Mas apenas te vi, n'una tarde de Agosto
Alva como um corymbo e triste como o teu rosto,
Eu disse ao coração: «seja a Alegria ou a Dor
Bem pode a vida ser um hostiario de amor...»
Quando a Terra era ainda uma erma Nebulosa
Minh'Alma te buscava antes de ter nascido:
—Iman que chama a si outra força radiosa,
Astro que se fundiu n'outro Astro perdido...
Agora, entre nós dois, pode cavar o mundo
O abysmo que quizer, o vallo mais profundo:
Desligados na vida, ha de unir-nos a Morte,
Porque somente o Amor è poderoso e é forte...
O' bronze mysterioso, ó sino desolado
Que vives a narrar, da torre pendurado,
Como um gigante enorme, em doloridos ais,
A saudade sem fim dos que não voltam mais;
Tu, cuja voz condensa, em retumbante grito,
A tristeza do Pó e o clarão do Infinito;
Que traduzes ahi, do teu isolamento,
Sob a inagua ethereal do Azul do Firmamento,

A dôr que dilacera á pobre Humanidade
O oppresso coração exaustado de saudade...
Quando a Morte vier até nós, saeudindo
O luctuoso sendal sobre o seu bello rosto
Puro como o luar de uma noite de Agosto,—
O' velho sempre novo! ó santo! ó rude amigo!
Sentinella ideal do torreão antigo,
Plange, vibra com força, incendeia a nossa Alma
Na rubra solidão das Esphas sem calma
E conduz-nos, emfim, n'estas dulias estranhas,
A's Florestas e ao Céu, aos Mares e ás Montanhas!



A Alma das cousas

A Alma das cousas

A Abel da Silva.

I

Lua, não chores! Triste Lua branca,
Fluido Mysterio branco das Alturas,
Estanca o orvalho luminoso, estanca
Os teus soluços feitos de brancuras!

D'antes, meu coração, de Sonhos cheio,
Não sei porque, aberto em flor, sorria
E palpitava dentro do meu seio
Vendo-te, ó Lua scismadora e fria!

Doces Visões côr de crystal; maviosas
Harpas eolias; tremulas guitarras,
Em cujas notas nymphas languorosas
Passavam nuas ou trajando parras;

Parques extensos, longas alamedas
De não sei que paiz longinquo e vago;
Deusas cobertas de jasmims e sedas,
Fadas cantando em purpurino lago;

Virgens loiras sorrindo á luz de um Astro
E desfolhando flavos malmequeres
N'uma varanda clara, de alabastro,
Cheia de flores, cheia de mulheres;

Phantasticas montanhas altanadas,
Amplas, serenas, verdes, magestosas,
Tendo nos flancos arvores doiradas,
No cimo tendo pampanos e rosas;

Mares infindos, deslumbrantes mares,
Salpicados de flammulas bemditas,
Unas, da cor dos lyrios estrellares,
Outras, da cor das vagas infinitas ;

Pombos azues de largos vôos francos,
Pombos morenos, pombos negros, bellos,
Pombos vermelhos, niveos pombos brancos
Pousados nas ameias dos castellos ;

Esse cortejo todo de Chimeras,
De Sonhos, de Visões etherisadas,
Passou, casto luar das Primaveras !
Passou, doce luar das Alvoradas !

Hoje . . nada mais resta. Solitario
Eu sou ! E sobre mim, tristes, chorando,
Bem como as notas de um estradivario,
Voejam as aves da saudade, em bando . . .

Chalram, vacillam, trilam palpitantes
Batem as azas... E, fitando o espaço,
Ora fogem, ora voltam soluçantes
No Azul deixando um vaporoso traço...

Aves da dôr, bem vos conheço! Todos
Os homens vos conhecem! Desditosos,
A' força de pensar, tornados doudos
Nós somos feitos d'esses ais chorosos!

II

Creio que tudo sente e tudo soffre,
Que tens, ó Lua, no teu seio clãro,
Epopéas que são bem como um cofre
De lagrimas, deixando ao desamparo... 17

Creio que um'Alma em toda parte existe,
Desde o crystal, desde o lagarto e a lesma,
Até nós, até o Homem, sempre triste,
Arrastando essa vida, sempre a mesma...

Mas tu, Alma da pedra, Alma das Cousas,
Certo não sentes como nós sentimos;
Não ris, nem choras, que não podem lousas
Chorar e rir bem como nós sorrimos..

Esse clarão que doira o Firmamento
E banha a Terra e unge o Mar e desce
Aos corações batidos do Tormento,
A's emoções que sobem n'uma prece,

Será talvez a Lagrima da Lua . .
Mas esse pranto, acaso, vale o grito
Que solta a mãe, em cuja dôr fluctua
A dôr do filho que soluça afflicto?

Não chores, pois, Astro da noite amada!
Não rujas, não, esplendido Oceano!
Montanhas, ride! A vossa magua é nada
Ante o soffrer do coração humano!

S. José—1900.



Febre

Por toda a parte rosas brancas vejo ..
Rosas na fimbria loira dos Altares,
Coroadas de amor e de desejo ...
Rosas no céu e rosas nos pomares.

Uma roseira o mez de Maio. Aos pares
Surgem, da brisa ao tremulante harpejo,
Estrellas que recordam, sobre os mares,
Rosas envoltas n'um ceruleo beijo.

E quando Rosa, em cujo nome chora
E-ta febre cruel que me devora,
De si me falla, em gargalhadas francas,

Muda-se em rosa a flor de meus martyrios,
O som de sua vóz, a luz dos cyrios...
O proprio Azul desfaz-se em rosas brancas.



Historia de uns versos

Historia de uns versos

Hoje deu-se commigo
Um episodio simples e singelo,
Mas tão original, tão novo e bello
Como uma flor á beira de um jazigo.

Ao presentir o dia,
Beijando as rosas e dourando os campos,
Eu quiz abrir a minha gelosia
E os olhos, ao clarão dos céus escampos.

Concentrado e sereno,
Dir-se-ia o Azul o luminoso cofre
Onde as aves, subindo ao som de um threno,
Iam guardar as dores de quem soffre.

Tudo, tudo sorria
Olhando a eburnea vastidão da Esphera,
Tão cheia dos fulgores da Alegria
Como é cheia de luz a Primavera.

E, feliz, saturado
Do sol radioso que no céu brilhava,
Eu escrevi tres quadras, inspirado
No amor que ha tempos traz-me a alma escrava.

N'ellas eu referia
Que a pallidez divina do seu rosto
E' mais nevada que a brancura fria
Que envolve o céu azul no mez de Agosto.

Dizia que os abrolhos
De toda a vida me seriam flores,
Si a bondade infinita dos seus olhos
Iluminasse o cahos das minhas dores.

Dizia que o seu riso...
Mas, de repente, a duvida, a incerteza
Levou-me d'alma o azul do Paraizo
Deixou-me n'alma o lucto da Tristeza.

Aos roseirae dispersos
Baixinho perguntei, com voz sentida:
«Ella verá estes singelos versos,
Os melhores que eu fiz em minha vida?»

E, si acaso relel-os.
Si, acaso, estas estrophes sem martyrio,
Tão castas como o olor dos seus cabellos,
Forem cahir nas suas mãos de lyrio,

Ella, a doce divina,
Mirando o sonho que tracei a medo,
Conhecerá su'alma peregrina
Na pureza idéal do meu segredo?»

Sombrio, allucinado,
Dilacerei os versos da canção;
Mas senti-me depois aniquilado
Como si houvesse roto o coração.

E, agora, arrependido,
Contemplava as ruínas do meu sonho
Quando, na gase do scismar dorido,
A dulia ouvi de um rouxinol risonho.

E, alegre, o passarinho
Vendo na relva os sonhos meus dispersos,
Desceu alou-se.. e vi-o, para o ninho,
Levar minh'alma nos extinctos versos!

Licção errada

A Verissimo de Toledo.

. E o Sabio disse: «Meus senhores, esta
Mulher que vemos sobre a lage fria
Foi como a noite vinda após um dia,
De cerração, n'um Ermo de Floresta.

Seus olhos, verdes como ^e verde a giesta,
Tinham brilhos de funebre ardentia,
Phosphorescentes como a pedraria
De um collar de Princeza em regia festa.

Não teve coração!» E, n'isto, o Sabio
Rasgou-lhe o seio... E recuou... seu labio
Contrahiou-se n'um riso estranho e lento...

No seio havia um coração partido,
Morto de amor, de lagrimas unguido,
E lacerado pelo soffrimento!



Quando eu morrer...

Crê o Selvagem que, ao findar-se a vida,
Vae o Espirito se asylar no ninho,
No calix de uma flor estremecida,
Como outra flor ou como um passarinho...

Assim meu coração, rôla selvagem,
Irá, quando eu morrer, n'uma ancia louca,
Pousar, tão leve como é leve a aragem,
Na pequenina flor da tua bocca.



A divina illusão

A divina illusão

(FRAGMENTOS DE UM POEMA)

A Ferreira Chaves.

Le Dieu objectif et surnaturel, n'est rien autre que le moi surnaturel, l'être subjectif de l'homme sorti de ses limites et placé au dessus de son être objectif.

FUERBACH.

A tristeza do Cahos enchia a Solidão.

Trevas por toda a parte; apenas, no Infinito,
O Espirito de Deus fluctuava bemdito,

Reflectindo na Vida ainda em formação.
E o brilho de su'Alma, errando no Vazio,
Era como si fosse um tremulo clarão
Cujo vago pallor, ethereamente frio,
Augmentasse o pavor d'aquella escuridão.
Era um Astro fulgente, aberto sobre um mundo
Que ainda não existia—imaginado apenas—
Mas que ia rebentar do pelago profundo,
Cheio de convulsões, de amarguras e penas...
A pupilla de Deus, tremulamente incerta,
Abria-se no vacuo; e Deus fitava o Nada,
Tal como o beduino a miragem dourada
Que surge no areial da planicie deserta.
Por entre o infindo véo da sombra lutulenta,
Atravéz o sendal da treva apavorante,
Elle ideava, a sós, o poema gigante
Do Sorriso e da Luz, da Colera febreanta
E da musica do Amor, sonora e hilariante;
Da chorosa canção do Vento nas florestas;
Do gorgueio subtil das aves na espessura
Dos glaucos pinheiraes, verdes como giestas,
E dos cimos azues cobertos de verdura...

Seu olhar penetrante estava vendo a Vida
Que passava, atravéz do Mysterio e do Vago,
Sem como a Via-Lactea azul-embranquecida

Na serena esmeralda esplendida do lago.
E aonde havia só a espessa negridão
Do Vazio e do Cahos, elle via o clarão
Do Sol, a refulgir em primavera plena ;
Via a luz redourando o calix da açucena ;
Via a creança rir e a velhice éhorar ;
Via a Terra, no Espaço, errante, a fluctuar,
Como um bloco de gelo, atôa, no Oceano,
Como um sonho a voar no coração humano ;
Via o Dia surgir, via a Noite tombando
Sobre o Mar, sobre o Mundo, as azas desdobrando
Como um pallio sem fim, salpicado de estrellas
Vaporosas, subtis, phantásticas e bellas ;
Via a lucta, afinal, dos Homens no Univers
Lucta eterna e cruel, cheia de riso e dores,
Terminada na campa e encetada no berço,
—Leve gondola azul, guirlandada de flores

E, á vizão d'essa idéa, elle disse consigo :
Façamos um esforço e demos vida ao Homem,
Em que as azas do Sonho encontrarão o abrigo
Que o Tempo não destróc e as Éras não consomem.
Mas seja, seja logo a divinal essencia
De tudo o que de bom existe na minh'Alma.
Quando o mundo surgir, quando elle apparecer,
Farei brotar eptão novos Seres da argilla ;

Gerada no Oceano, indolente, tranquilla,
A Vida ascenderá desde o Verme à Mulher.
Será isto na Terra; aqui, no Espaço immenso,
Só tu, branco Mysterio, Alma que vaes nascer
Do fundo de minh'Alma, imagem de meu Ser...
Tu, somente, commigo, á luz do sol suspenso,
Sorrindo assistirás ao desbrochar da Vida...

E fez Saŕan surgir na Sombra indefinida.

—Abriga-te em meu seio; és um prolongamento
Do Espirito immortal que dentro em mim se agita:
Teu cabello, da côr desta treva infinita,
Como um pallio será, guardando o Pensamento.
Tens azas, podes ir, na fria ondulação
Da Esphera Unicolor, enchendo o coração
Da seiva que no Cahos vagamente fluctua...

Mas o filho da Sombra, erguendo a fronte nua
N'um espasmo de Dor, teve um grito profundo:
—Perdão, Senhor, perdão! De teu seio nasci,

Mas sinto dentro em mim, do coração no fundo,
Uma voz que maldiz e que ri-se de ti...
Outra forma me déste, e, dando-m'a, creaste
Uma bem differente e extranha consciencia!
Nasceu commigo a Dor! ai! sem querer erraste...
A Existencia é um mal e me déste a Existencia

DEUS

Cala-te, Satanaz! Não pode errar a fonte
Continua e perennal, d'onde brotaste agora:
A Vida, para ti, será um horisonte
Sem Começo e sem Fim, sem Occaso ou Aurora...

SATAN

A Vida para mim é fel, é maldição;
De ti somente herdei o Principio Vita!:
Teu grande amor de pae é que gera a Illusão:

Representas o Bem, eu symboliso o Mal.
 Que tragico prazer, que serena alegria,
 Eu sinto, Jehovah, o teu erro sondando!
 O sarcasmo serei, a gargalhada fria,
 Cuja voz zombará do que fores creando!

DEUS

Ergue a fronte . . . O que vês? Em cima, o que avista
 Teu olhar, através da languida pupilla?

(No alto apparece uma chamma desmaiada que, pouco a pouco, augmenta, fazendo-se rubra e illuminando uma parte do cahos; depois, gradativamente, cresce, torna-se intensa e enche o Espaço inteiro.)

E' a Luz, Satanaz; é a Luz que, tranquilla,
 Orbes inundará, clareando a conquista
 De meu Ser sobre o cahos, sobre a Materia bruta;
 E' a clamyde irial, Alva que a alva encerra
 Com que eu hei de vestir as Almas para a lucta,
 Com que eu hei de sondar as entranhas da Terra.
 Ella o manto será, purpureo e transparente,

Com que revestirei as Idéas e as Cousas.
Com ella aquecerei a Esphera sorridente
A paz da Sepultura e o amago das Lousas.
Deixará de existir o Cahos, a treva má,
O lugubre pavor da eterna escuridão:
Onde houver um soluço, um sorriso haverá,
Onde houver uma sombra, haverá um clarão.

Porém Satan soltou medonha gargalhada.

DEUS

De que ris? de que ris?

SATAN

Da tua crueldade...
Seria bem melhor que deixasses o Nada

No vago onde jazia, em funda escuridade...
De que serve accender a lampada fulgente
Que vejo illuminando o silencio e a mudez,
Se um dia servirá, como um espelho ardente,
Para mostrar inelhor a Miséria e a Nudez?

Não resolvo o problema atroz do meu destino,
Mas sinto que tu mesmo, ó Força Creadora,
Não és a Perfeição: a Forma é trahidora...
Em mim tens um exemplo, Espirito divino!

Alegra-me esta luz. Em minha Idèa medra
Um horror que não quero e não posso narrar:
Porque, porque mais tarde ha-de ella mergulhar
No proprio coração do rochedo e da pedra?

De teu seio nascido, eu sei que vás gerar
Nebulosas e Sóes, Azas e Pensamentos;
Presinto o gargalhar phrenetico dos Ventos,
As coleras febris e os rugidos do Mar ..

Contemplo a Creação; vejo os olhos em pranto ..
O Oceano contemplo: ouço a vaga chorar...
E nada me contenta e nem me alegra tanto
Como a scintillação esplendida da Chamma,
Pois sinto, Jehovah, que, tão pura, ella um dia
Quando no Azul raiar, ha de descer á lia,
Quando nascer no céu, ha de doirar a lama!

Como é grande a distancia immensa que separa
O Real do Ideal! Bella coisa é a luz,
Mas, no volver do tempo, esse fulgor que aclara
Minha fronte de Archanjo, inundará de certo
O vacillante olhar do paria no deserto,
O pavido estertor do Christo sobre a Cruz.
E a Inveja e a Tortura e a Hypocrisia e o Crime
Mergulharão tambem na pyra da Bondade!
Eu, então, zombarei do Creador sublime
Que distinguir não soube o Vicio da Virtude,
A rôla do chacal, o berço do ataúde,
Repartindo, igualmente, a etherea claridade!

DEUS

A todos salvará o lyrio do Perdão..
Não mudarei a luz formosa e resplendente.
A blasphemia do Atheu talvez seja a Oração
Que um'Alma balbueie, ainda inconsciente
Da Verdade e do Bem, ainda impenitente,
Mas proeurando já o abrigo da Razão.

Odeias o pallor que doira o Espaço immenso?
Odeias essa flamma, ardente e luzidia,
Que alastrou-se veloz pelo Infinito extenso?
Pois ella enxugará, tempos depois, um dia,
—Casto manto ideal, braneo e cheiroso lenço,—
Os eilios de Jesus e a fronte de Maria.

E' o signo do Amor, o emblema da pureza,
Rio de leite claro, afflorado de harpejos,
Penna de beija-flor em fraguas de ouro acesa,

Impalpavel, adejando em toda a Natureza,
Enchendo a Vastidão de sussurros e beijos.

E' o suspiro branco, a fluida litania
De minh'Alma, prevendo o que vae existir..
Eu estarei com ella, — a Luz que te allumia, —
Lá onde me chamar a prece d'Agonia,
Onde a Vida gener, onde a Morte sorrir.

SATAN

Onde fores, irei. Quero escutar o grito
Do Justo sobre o Lenho — azorragado — emquant
Repousa o teu olhar sobre o d'elle, bemdito...
Quero vêr tua face ao encarar o pranto
Sem poder enxugal-o; almejo vêr-te o rosto
Desvairado, sombrio, extranho, funerario,
Sinistro como a Dôr, triste como o Desgosto,
Vendo o drama cruel do cimo do Calvario,

Emquanto o Firmamento arqueia-se dourado
N'um Oceano de Azul purissimo, lavado...

Oh! como deve ser horrivelmente bello
O homem agonizando á luz do Setestrello!
E a creança gemendo! e a ovelha balando
Emquanto, pelo Céu, os Astros vão boiando,
Na sublime ascenção das Coisas luminosas!
Venus ha de ter as cores sanguinosas
Da rôxa podridão das chagas verminadas...
Has de vêr, has de vêr, nas Noites constelladas,
Sob o largo docel do largo Firmamento,
Sem gemidos, sem ais, sem sonhos, sem tormento
A larva colleando, andar de tumba em tumba,
Ao phrenetico som do Vento que retumba,
Ora mordendo o craneo onde adejou a Gloria
Serena como o Riso e forte como a Victoria;
Ora chupando, a rir, o seio e o coração
Do Santo ou do Heróe, de Socrates ou Catão;
Ora sugando, enfim, o collo rescendente
De uma Mãe infeliz, cujo sangue, inda quente,
Em vez de alimentar a creancinha inerme,
Darà seiva e calor á luxuria do verme...
E eu, de pé, a cantar no Espaço estrellejado,
Sombra da tua sombra, hei de rugir n'um brado!
Somente a luz serviu para ver-se melhor
A victoria do Mal e as lagrimas da Dor!...

E, n'um vôo disforme, as azas desdobrando,
Elle fugiu de Deus; e Deus ficou scismando
De Satan repetindo o sarcastico hymno:
*Não resolvo o problema atroz do meu Destino
Mas noto que tu mesmo, ó Força Creadora,
Não és a Perfeição! A Forma é trahidra:
Um exemplo em mim tens, Espirito divino...*

Eil-o scismando agora...

Ai! de si mesmo indaga

Si errara, ao começar o intermino poema...
Ellei o Supremo Bem, rio que tudo alaga,
Gerara, sem querer, a Duvida Suprema!

Era preciso, sim, purificar Satan...
Fazer raiar-lhe n'Alma o fulgor da manhã,
O consolo da Fé immacula e sincera,
—Lenitivo na Crença e sol na Primavera...
Era preciso, sim—atro martyrio lento!—
Abreval-o do fel amargo do Tormento,
Salpicar-lhe de pranto as azas de ouro espalmas,
Porque somente a Dor diaphanisa as Almas!
Oh! elle, Jehovah, tambem padeceria,

Porque seu coração é lago onde desbrocha
A flor de nenuphar do choro e da agonia,
Quer viceje n'um seio ou rebente na rocha...
Por isso, do sendal da tremenda amargura,
Que palpitava em si, veio sahindo a sombra
Chorosa e sepulchral, cujo mysterio assombra:
Tragica, silenciosa, erma, sombria, escura,
Encheu o Espaço todo; e foi assim que a Noite
Surgiu, da Ventania ao marulhoso açoite,
Pela primeira vez, depois do cahos profundo...

Vendo a Treva voltar sobre o sidereo Mundo,
Jehovah commoveu-se. Em seus olhos velados,
O pranto rebentou em gottas crystallinas,
Apparecendo, então, nos paramos nublados,
Um aureo turbilhão de estrellas diamantinas...

(Seculos e seculos succedem-se. Um dia, gritos encarnados de sarcasmo e desespero enchem toda a Esphera e o ether incendeia-se, como subitamente illuminado por um cometa. Surge Satan.)

DEUS

Choras?

SATAN

Chorar? Porque? Voei de Esphera em Esphera
Até á vastidão esplendida do Oceano.
Fui sondar de mais perto o fermentar insano
Da Vida, sob o Mar, onde a Luz reverbera..
Trouxe de lá, Senhor, as azas salpicadas,
Não dos soluços meus; dos do abysmo estuante,
Ao sentir em seu seio o Germen fecundante.
«Nascer, soffrer, morrer» uma vaga dizia
E, chorosa, outra, após, o mesmo repetia...

Quando cheguei á Terra, encontrei-a uma Ilha,
Avernalmente estreita, aridamente núa:
Fazia pena vel-a, ao reflexo da Lua,
Surgindo do Oceano, a extranha maravilha...

E, sorrindo, bradei do cimo de um rochedo:
Bemdito sejas tu, ó Lodo, ó Lama impura,
Que trazes da Existencia o tetrico segredo,
O terrivel mysterio e a profunda amargura!

És a desolação feita materia e pó,
O solo onde, melhor, vicejará o Crime,
O que de mau concebo e a bocca não exprime,
Desde a morte de Abel aos gemidos de Job!
Faze lá, Oceano! um pequenino esforço
E corta, sempre e sempre, o dominio das vagas:
Cada palmo de terra acima d'estas plagas
É um palmo de dor e um palmo de remorse!

Ó Mar! Não chores, não! Abre a bocca, Oceano,
Para sorver a luz funesta das estrellas:
São lagrimas de Deus; engole-as, torvo arcano,
Pois só as manda o Céu por não poder contel-as.
Atira-as sobre o lodo: um dia brotarão
Transformadas em lyrio, e tu dirás, então,
Que fizeste surgir da tunica das aguas
As benções do Senhor diluidas em maguas...

E o Pelago rugiu, separando-se ao meio.

Lá estava, no fundo, o liquido da Vida
A pasta semi-fluida, o protoplasma informe...
Que sarcasmo infernal rebentou-me do seio!
Pois é isso, Senhor, esse lodo disforme,
Que a tua Força vae animar e mover?
Esse pouco de baba embranquecida e crua
Mais tarde zombará da pureza da Lua,
Procurando subir, desejando ascender?
Essa nodoa sem forma, esse germen indeciso,
Chamar-se-á, com o tempo, Adão no Paraizo,
Moysés sobre o Sinai, Christo sobre o Calvario?
Servirá de morada ao genio solitario
Do philosopho audaz, de Comte ou Prometheu
Querendo desvendar os segredos do céo?
Essa borra funesta, aquosa, immunda, fria,
Agitará, mais tarde, os guizos da Ironia,
Sorrindo de si propria e de ti gargalhando?
Jehovah! Jehovah! ai que gorgeios, quando
Esse limo puder, reverberando ao Sol,
As pennas agitar, chamar-se Rouxinol!
Após ter sido Lama, Alga, Ammonita, Peixe,
Ter nos galhos um ninho onde, chalrando, deixe
Os filhos e, adejando, azas abertas, ir
Onde o Verme não vae, por não poder subir...
«Será bello» dirás! Quanto a mim, é um erro,
Porque briseal-o irei no illimitado Espaço,
Para esmagal-o, sim, em minhas garras de aço
Para torcer-lhe a alma em meus braços de ferro!

Madrigal

Como um cysne ideal que, n'um lago, fluctúa
Ia boiando a lua .

Seu eburneo clarão, doce como um sorriso,
Lembrava o Paraiso.

As estrellas do Azul e as espumas do Mar
Pareciam sonhar.

Emtanto, o coração, sem espinhos e abrolhos,
Apenas vagamente irradiar sentia
Esse ethereo fulgor!

Matava-o de alegria
Não o luar do ceu, mas a luz dos teus olhos!

Flor de carne

A José Vieira.

Dizem que a essencia da papoula mata
Embebedando lentamente: um vinho
Que nos enche de goso e de carinho,
Mas que os laços da vida nos desata...

Como um rumor de abysmo ou de cascata,
A Morte sae da flor e, em seu caminho,
Agita as azas, qual um passarinho...
Dizem que a essencia da papoula mata.

Tu me recordas essa flor vermelha,
Rosa lasciva, onde scintilla a abelha
Do meu desejo, n'um lascivo threno.

A polpa de teu labio evoca um pomo
De aromas cheio, mas tão falso como
Uma papoula cheia de veneno...

Minas.



Amor paixão

Teu corpo é um roseo vinho allucinante
De febre enchendo os corações partidos ;
Vinho de luz, vinho de sol iriante,
Derramado por sobre os meus sentidos.

Em tua voz ha tremulos gemidos
De extranha guzla a soluçar errante
Canções de amor, hymnos de heróes vencidos
Em não sei que paiz claro e distante.

Por isso juro, ó minha deusa ! amar-te,
Juro por isso, pelo culto d'Arte,
Pelos teus olhos negros, de velludo,

Pelas estrellas lá no Azul sereno,
Pelo teu labio rubido, pequeno,
Por tua bocca, pelo céu, por tudo . . .



Golgotha

Golgotha

A Nestor Victor.

I

Lagrima solta de uma estrella, desce
Alma de Santa... No meu coração...
Deixa a esmola cahir de tua prece,
Por sobre a dor da minha solidão.

Não sei que extranha e dolorosa magua
Vem de teu seio e chora no teu rosto :
Quem fez teus olhos amarados d'agua,
Minha doce tristeza de Sol-Posto?

Entendo bem o soffrimento insano
Que em ti suspira e verte a soluçar
Lagrimas frias como é frio o Oceano,
Lamentos fundos como é fundo o Mar.

Entendo bem a queixa dolorida
Que um dia na tu'Alma concentrou-se,
E daria por ella a minha vida,
Si a minha vida alguma cousa fosse.

Tenho chorado muito sonho morto,
Bem como a folha que as estradas junca,
Mas uma dor assim, tão sem conforto,
Ai, nunca vi no meu caminho, nunca!

Para o selvagem da Floresta, a Chamma
Vale por Deus, que n'ella anda disperso:
E's para mim a luz que se derrama,
Illuminando as Almas do Universo.

Loira gotta de luz, harpa sentida
Em cujas notas a tortura existe,
Deusa, tú és a synthese da Vida,
E a Vida Universal sempre foi triste!

Antes de ser quem és, andaste, errante,
N'aza impalpavel do luar, do vento;
D'oiro tingiste o Espaço, o Espaço iriante,
Desfeita em sol por todo o Firmamento.

Antes de ser quem és, foste palmeira
Talvez commigo: no areial deserto,
Pollen, minh'Alma descansou inteira
Sobre o teu seio como um pallio aberto.

Foste a primeira flor do Paraiso,
A primeira manhã do Ceu profundo,
Foste clarão, foste hærmonia! e o riso
Foste do Azul quando formou-se o Mundo!

Um dia, a Força estranha que se agita
No Mysterio das Coisas e do Sêr,
Um corpo deu-te, enfim! onde palpita
Um coração de Santa e de Mulher.

Então nasceste, após ter sido tudo :
Vaga no Mar ; nuvem no Ceu ; nas rosas
Perfume agreste ; e cirio no veludo
Das Noites estrelladas e formosas ...

II

Oh, minha santa! quanto soffrimento
Nas vidas ideaes que tens vivido!
Quanto soluço vão! quanto lamento
Pelo eterno caminho percorrido!

Quando contemplo o teu perfil, ó doce
Visão etherea e luminosa e pura,
Pergunte à Noite, sim, quem foi que o trouxe
Para esse abysmo cheio de amargura!

Translucidos segredos das Esferas,
Alleluias dos Sóes, Ether sem calma,
Dizei-me, Estrellas, quantas Primaveras
Foram precisas, para dar-lhe um'Alma?

Dizei-me, Forças Immanentes, Astro
Serenos—ó Lua, ó perennal encanto!
Quem, n'essa carne pura, de alabastro,
Um coração pregou que soffre tanto?

Risonhos arvoredos seculares,
Quem arrancou do Inconsciente o arcano
Que n'Ella fez-se dôr maior que os Mares,
Maior que a historia do soffrer humano?

Nada responde a minha angustia. Immensa,
A abobada infinita se dilata,
E, lá na curva do horisonte, extensa,
Faz do mysterio um rio côr de prata...

Vens das Origens e, por isso, falla
Em ti, Mulher, em ti, sagrado lyrio,
A dolente canção que nos embala
O Sêr, nas horas negras do martyrio.

Custa muito ascender, e penetraste
Nos sem fins da Bondade e da Puresa:
Soffres do mal do Amor, porque chegaste
A' perfeição do Amor na Natureza!

Salva-me, pois! Sê tu, Nuvem, meu Norte,
Astro, sê meu pharol.. De tantas dores
Oh, symbolo da Vida! faze a Morte
E arrasta-me da Vida quando fores...



Coração mudo

Disse ao meu pobre coração doente:
Deixa de maguas, deixa de scismares,
E faze, coração, como essa gente
Que passa a vida em rutilos cantares.

Sahi... Fui vêr as Ruas... Pelos ares
Fortes rojões subiam; lentamente,
A multidão, liberta de pesares,
Buscava o Templo, fervorosa e crente.

E eu disse ao coração: olha o sorriso
Dos simples e dos bons! O Paraíso
E' dessa gente inoffensiva, inerte.

E o coração não respondeu, coitado!
Porque sem crenças, sem luar, cansado,
Vae-se arrastando ao Nada como um verme.



Jag brände ut framme i midsomratsnatt
de mygorna i skogen, klängde slängor
drogo till Ryrtman utom all sig präga,
om, akaltä var den spis, man där dem bjöd.

Da sade jag: Mitt släckars hjörda, se,
hur go-ohelén och barnasinet le

Om någon de vint Paradieset äga. "

Men hjarlät leg hvad än jag mänd säga "

Allt sedan ingen tro det mer besjälas,
Kän mot sitt Jute en märke det trälar

"Coracis mudo", pg. 70 deste volume

Men Hjärtat Leg

(Dr. Goran Björkman, poeta norweges)

Jag sad till mitt hjarta i dess nöd:
"Kom upp att grubbla, längre ej dig plaga

för som de andra, där sin väg de laga
som vore lyckan för dem dagligt bröd."

Jag trädde ut. Fränd Cornets höpdest Gaid,
de rigda Kloackers Klang. Heliga som laga
drogo till kyrkan uten att sig fraga,
om, akata var den spis, man där dem bjöd

Då sade jag: Allt stäckars hjörda se,
hur gosheten och baxnasinet le
Om någon de vint Paradiiset aga."

Men hjärtat leg hvad än jag münd säga"

Allt sedan ingen tro det mör. befin. len,

Kain mot sitt Jute en musk det krälar

"Coraçis mudo", pg To deste whine

ANDORINHAS

Andorinhas

Moram, na casa em que tu moras, tantas
Andorinhas! E ainda não notaste
Que estas aves do Céu, meigas e santas,
Do Céu baixaram porque tu baixaste!

Muitas fizeram ninhos no telhado,
Outras farão talvez quando, em Janeiro,
Cantar o bem-te-vi, cantar maguado,
Nas palmas verdejantes do coqueiro.

Amo-te muito. E, ás vezes, quando desce
O teu olhar de compaixão ungado
Sobre a minh'Alma, dentro de uma prece,
Sobre o meu Coração, n'um ai dorido,

Contemplo a Esphera. Pelo Azul, suaves
Andorinhas gazis lá vão subindo...
E eu chego a perguntar si aquellas aves
Vão para o Céu noss'Alma conduzindo...

Tal é o philtro que os teus olhos magos
Deixam cahir no fundo de meu ser!
São elles para mim como dois lagos
De onde a Estrella d'Alva quiz nascer.

A's andorinhas que contigo moram
Porque não dizes, sim, porque não dizes
Que é sem razão que os meus suspiros choram,
Que sou o mais feliz dos infelizes?

Ellas passam por mim quando é sol pôsto,
E apenas falam, com fingida calma,
Dá candura ideal que tens no rosto,
Da suprema belleza de tu'Alma.

Contam que és pura como os brancos lyrios,
E que rezas à hora da Trindade,
Pedindo a Deus por todos os martyrios
Em nome de Jesus e da Bondade...

Mas nada sei do teu amor, querida,
Porque não sei, não sabe o coração
Si é amor que lhe tens, rôla sentida,
Si é amor que lhe dás, ou cempaixão.

E, no entanto, quando as andorinhas
Sobem, cantando, ao Céu azul infindo,
Eu lhes pergunto—ó tristes maguas minhas!—
Si ellas vão nossas Almas conduzindo...

*Monologo de um histouri**A Papi Junior.*

«Primeiro, o coração. Rasguemol-o. Supponho
Que esta mulher amou: tudo está indicando
Que morreu por alguém este ser miserando,
Mixto de Treva e Sol, de Maldade e de Sonho.

Isso me não commove: adiante! Risonho
Fere, nevado gume! e, ferindo e cortando,
Aço, mostra que tudo é lama e nada, quando
Sobre os homens desaba o Destino medonho...

Fere este braço grego! E as pomas côr de neve!
 E as linhas senhoris que a penna não descreve!
 E as delicadas mãos que o pó vai dissolver!

Mas poupa o ventre nú, onde ^{repousou um feto:} um feto gerou-se;
 Porque has de macular o somno ^{funde e quieto} casto e doce
 D'esse verme feliz que morreu sem nascer?»

1902.



LIBRINA

Marina

A D. Edwiges de Sá Pereira.

Morreu Marina, a pobresinha... Frio,
O pranto os olhos turvos me inundava,
Porque su'Alma era um pequeno rio
Onde o meu triste coração boiava...

Tinha a candura de uma flor de gelo
Esse botão de rosa de tres annos:
As tranças virginaes do seu cabello
Recordavam -- na côr -- meus desenganos.

Dizem que é louca a alma penserosa
Que chora a morte de uma flor singela...
Mas eu amava tanto aquella rosa,
Mas eu amava tanto aquella estrella!

Tornava-me creança quando a via,
Estrangulando o horror da minha magua,
E si Marina, às vezes, padecia,
Eu lhe enxugava os olhos razos d'agua.

Branca, da côr dos lyrios orvalhados,
Alva, da côr mimosa da bonina,
Parecia, ao fitar os céus maguados,
Uma Nossa Senhora pequenina.

Ora me chamava noivo e ora irmão,
(Nenhum de nós, n'aquella idade, pecca)
Casamo-nos n'um dia de verão,
Depois de um baptisado de boneca.

Como recordo! Meiga, n'esse dia,
Emquanto eu dava-lhe infantis conselhos,
Ella, risonha, cheia de alegria,
Devorava *bombons* nos meus joelhos.

E, ao terminar a dulcida merenda,
Quedou-se o anjinho pensativo e lindo:
Fitava o Azul, a luminosa senda,
Chupando o dedo pollegar e rindo.

Dava-me beijos quando lh'os pedia
N'um riso claro, terno, satisfeito:
Eu lhe offertava, em troca, o que podia:
Laranjas, ou cartuchos de confeito.

E, quando adoeceu, chorei com pena
Vendo-a soffrer aquelle mal sem termo.
Porque a Bondade, interminna, serena,
Abandonou o meu anjinho enfermo?

Existe, acaso, dor que tanto alquebre,
Amargura tão cheia de veneno?
Ai! pobre atheu! allucinado, em febre,
Ajoelhei-me aos pés do Nazareno!

As lagrimas desceram-me dos olhos
Afeitos aos martyrios e aos revezes;
Chorou meu coração que ri de abrolhos,
Que tem chorado muito poucas vezes...

Aproximei-me do pequeno berço ..
Marina, adeus, ó meu singello goivo!
Mas ella, o olhar em trevas já immerso,
Não pediu mais brinquedos ao seu noivo.

Tinha no collo, sem frescor, sem vida,
Uma boneca ingleza, loira e fina:
Recordava uma mãe adormecida
Ninando, em sonho, a filha pequenina..

E, enquanto os seus olhos se fechavam
Para a Vida, sem luz e desmaiados,
As rosas, no jardim, desabrochavam
E os pombos arrulhavam nos telhados.

Só eu, vencido, em louco desvario,
Abraçado ao seu corpo, soluçava,
Porque su'Alma era um pequeno rio
Onde o meu pobre coração boiava...

1898.



Artista

A uma criança de dez annos.

Disse a Tristeza: «O coração de Alzira
E' meu! E' meu o coração radiante
D'essa menina, em cuja voz delira
O Sofrimento amargo e lancinante!»

«Minha serà!» murmura o Odio. «Carte,
Vibre em seu Ser, como em formosa lyra,
Essa revolta immensa de gigante,
Que tenho n'alma e que no mundo gyra!»

Abrindo as azas tremulas, n'um hymno,
Disse o Amor: «E's tu,—anjo divino,
Alzira amada! — o meu divino arcano...»

E assim tornou-se a alma penserosa
D'essa creança a synthese formosa
Das emoções do coração humano!

Publicado assim na Antologia de poetas amores de Olegário Castriano.  Sonho grego

Atum anéis lascivo, alta, nua, severa,
Surge, pé ante pé, à luz do céu do estio.
Vendo a sua nudez, à luz do
De voluptua, se agita a verde Primavera.

Éspregueça se o sol; rugir de amor a fera
Do desejo que corre, indomito e bravo
Por toda a criação, assim como nium no
Sobre as onduladas águas, boiam ramados de hera.

É quando a deusa passa, immaculada e lenta,
 Glaca, a paisagem ni pela bocca sangrenta,
 Rubra como um coral, dos rosários em flor.

Beijo-de-então o labio e o collo e as pernas nhas,
 Cuzo tremula alvos recorda duas ludo
 Brancas, nas unhas não, meu espasmo de amor!

Sonho grego

A Sebastião Fernandes.

N'um anceio lascivo, alta, núa, sévera,
 Surge, pé ante pé, à luz do sol do estio:
 Vendo a sua nudez, num tremulo arrepio
 De voluptia, se agita a eterna Primavera.

Espreguiça-se o Sol; ruge de amor a fera
 Do Desejo, que corre, indomito e bravo,
 Por toda a Creação, assim como n'um rio,
 Sobre as ondas azues, boiam ramadas de hera.

E, enquanto a deusa passa, immaculada e lenta,
Glauca, a paisagem rí, pela bocca sangrenta
—Rubra como um coral— das roseiras em flor...

Beijo-lhe, então, o labio, e o collo, e as pomas núas,
Cujo setineo alvor recorda duas luas
Que eu apertasse nas mãos, n'um espasmo de amor!



A' toas

(RIMAS DO POVO)

A' toa

(RIMAS DO POVO)

A Antonio Bezerra.

I

Vou subindo ao Paraizo,
Como se fosse Jesus,
Na escada de teu sorriso
Feita de beijos e luz!

II

Teu nome rima.. Não digo ..
Teu nome lembra... teu nome
Recorda a polpa de um figo
Na bocca de quem tem fome.

III

Passam-se as noites e os dias...
A morte ha de vir em breve:
Lá se vão as alegrias
Do teu sorriso de neve!

IV

Entre noss'Alma um segredo
Existe agora... Depois,
Que sobresaltos! que medo!
Porque nascemos nós dois?

V

Meus hymnos vagam dispersos,
Longe, bem longe d'aqui:
Ai! quem dera que esses versos
Só fossem lidos por ti!

VI

Como é desinteressada
Essa paixão, flor querida:
Eu de ti, não quero nada,
Tu, podes pedir-me a vida!

VII

Amo-te muito, não nego,
Depois de vêr-te, meu bem,
Eu quizera ficar cego
Para não ver mais ninguém.

VIII

Tenho a retina cançada:
Meus olhos côm de velludo,
Não sabem dizer mais nada,
Porque te disseram tudo...

IX

Tu dizes, Alma sentida,
Que não choras ao luar?
Ai d'aquelle que na vida
Já não consegue chorar!

X

Olha, vê tu que peccado
Esse de Nosso Senhor:
Fazer de um cravo encarnado
Dous labios... os teus, ó flôr!

XI

Eu sou como um passarinho
Sem pennas, n'um sol em brazas :
Para voltar ao meu ninho
Quem me dera as tuas azas !

XII

Quando eu morrer (que lembrança!)
Colhe um ramo de alecrim,
Faze um veu da tua trança
E atira-os por sobre mim !



N'uma mansarda

Dorme no berço a tímida creança.
Dorme, no instante em que desmaia a estrella,
A estrella d'Alva que deseja vê-la
Lá dentre a nevoa onde o luar descança.

Cae-lhe no rosto a desmanchada trança,
De sua mãe, que bem juntinho véla,
Como se fosse alguma deusa bella,
Alguma fada encantadora e mansa.

Sonha, agitando as trefegas mãosinhas:
Anda no Azul pedindo às andorinhas
Morenas azas para além voar...

E a mãe, coitada! scisma commovida
Que a pobre, em sonhos, pede a sua vida:
Uma boneca de olhos côr do mar..

1898.



Arvore amiga

Amore amiga

Dentro em mim, um segredo
Existe, — a devorar-me o coração,
Mas não devo dizel-o: tenho medo
D'essa profanação.

Minha vida se encerra
Na escura scisma d'esse amor, no veu
D'essa paixão muito maior que a terra,
Muito maior que o céu!

Nunca direi, no entanto,
Aos homens, nunca direi, (oh, dor!)
O nome d'Ella, cuja vida é um santo
Kalendario de Amor.

Só tú, meu velho amigo,
Confidente dos sonhos do vargado,
O' cajueiro antigo!
Só tú, só tú conheces meu segredo!

Mesmo os seus olhos negros nada sabem
Da profundeza d'esse amor sem luz:
Porque dizer-lhes tudo, si não cabem
Dous martyres n'uma cruz?

Falla: em sua voz um cantieo suave
Embevecido escuto,
E fico triste porque lembra um'ave
De pennas côr de lucto.

Ri: do seu riso tremulo se evola
Um doce effluvio casto de oração,
Um balsamo a descer como uma esmola
Sobre o meu ccação.

Nunca lhe ouvi o canto:
Deve ser, como o riso,
O eterno aneio de su'Alma em pranto
Subindo o Paraiso.

Nunca lhe ouvi o beijo:
Em seu labio, chilrando,
Deve ser o sussurro de um adejo
De passaro voando.

Nunca lhe ouvi um sonho:
Cuido que deve ser
A luz do Arco-Iris tremulo, risonho,
N'um céu de anoitecer.

Tremo de angustia ao vê-la:
 Pallida e bella, em seu olhar maguado
 Vive talvez o sonho de uma estrella:
 Morta no Azul ethereo e desmaiado.

Amo-a e nada lhe digo!
 Acaso, na floresta,
 O' c'jueiro antigo!
 Conheces dôr que se assemelhe a esta?

A dôr que me devora
 Nunca sentiste, amigo, — e tão amara?
 O coração das plantas tambem chora
 Quando o mundo as separa?

Tens um ar de quem soffre: mûito perto
 E distante de ti gorgeia o prado,
 Cheio das vozes amplas do deserto...
 Mas tremes, desolado!

Por isso, o nome d'ella no teu seio
Deixa que eu grave, irmão :
Que o eterno confidente d'este aneio
Seja o teu coração !

Muitos annos volvidos,
Um dia, não sei quando,
Virei beijar os traços esculpidos
Das lettras santas que escrevi chorando.

Talvez, então, já de cabellos brancos
Quasi morto, alquebrado,
Eu possa lêr nos teus robustos flancos,
Esse nome adorado.

O' solitario amigo !
O' velho cajueiro !
Guarda, guarda contigo
O nome d'ella, inteiro !

Felix !

Vendo passar o enterro de uma creança

Meu Verso, vae! Pagem da Dor sombrio,
Enxuga os olhos d'essa mãe chorosa.
Tú, revoltado d. Quixote esguio,
Sombra que chora, larva penserosa,

Fita o nublado céu tristonho e frio,
O azul dos olhos da mulher piedosa
Cuja illusão, em fundo desvario,
A magna esfolha como o euro á rosa.

Dize que a Morte tem sorrisos brancos
Para as creanças; que, nos largos flancos,
Embala o anjinho de seus beijos quente...

Feliz quem morre! Pela Vida afora
Verme que sonha, estou sentindo agora
Doente a alma e o coração doente.



A ROSA

A rosa

Mulher que eu chamo irmã:
Humilde e agradecido,
Beijo-te, á luz do sol d'esta manhã,
A fimbria do vestido.

O' Roseira Celeste!
Branca Alleluia que a sorrir consola,
Deixa que eu guarde a rosa que me deste,
Bem como o pobre que guardasse a esmola.

Sem tu saberes, olha,
Eu fiz de ti o meu sereno altar
A cujos pés minh'Alma se desfolha
Como um lyrio, a chorar...

Minh'Alma é tão sincera
Quando falla contigo!
És um trecho de céu azul e amigo,
Mudando o meu Outomno em Primavera.

O amor que por ti sinto
É terno e casto e meigo e sem refulhos:
Deus me castigue, santa, si te minto
E mude em treva a luz d'estes meus olhos.

Quando, no frio leito mortuario,
Eu descansar a fronte lacrimosa
Sobre as folhas da rosa
Que deixaste cahir no meu Calvario,

Minha Nossa Senhora da Saudade,
Imagem da Piedade,
Dissolve em luz teu grande coração
E dá-me a Extrema Uncção...

Fevereiro—1901.



Na Missa

Quizera ser as paginas bemditas
Do Livro Santo que a tu'Alma adora ;
Sentir, perto de mim, as infinitas
Ancias de luz que estás sentindo agora ...

To new chapécs

Ao meu chapéo

(Da carteira de um bohemio ironico)

A Fortunato Aranha

... oh! riamos de tudo!

F. VARELLA.

Não te queixes, amigo,
Porque, seguindo as regras da etiqueta,
Já não ando contigo
Sempre que envergo a minha roupa preta.

Estás velho, meu caro,
E a quem já vale pouco,
Chamariam de bêbedo ou de louco
Si te não desse, agora, o desamparo.

As cousas são assim:
Não duvido de tua lealdade,
Mas a deusa Vaidade
Exige isso de mim...

Devo deixar-te, pois...
Entre os negros abrolhos d'este mundo
Estupido e maldoso,
Que faremos nós dois:
Eu — tuberculoso,
E tu manchado, quasi rôto, immundo?

É preciso fingir, embora o pranto
Requeime o coração que a dor devora...
Quanto momento em minha vida, quanto,
Faço que rio, enquanto a alma chora!

E' preciso fingir. Por conseguinte
Vou dar-te a um cego (esplendido revés!)
Tu me custaste dezeseis mil reis...
Comprei outro por vinte.

Tenho pena, é verdade, de deixar-te,
Mas, meu velho, que queres?
Servimos de galhofa em toda a parte,
Niem de nós os homens e as mulheres.

Para communi socegô
Eu devo te ordenar
Que vãs agazalhar
A cabecinha tremula do cego.

Somos ambos mendigos:
Elle, cantando, pede luz e pão,
Eu peço dous abrigos:
Esperança e Illusão.

Ninguem sabe, comtudo,
A dor que me exulcera o seio e a mente
Ao deixar-te, sombrio confidente,
Tão desolado e mudo.

E' que só tu conheces
As luctas de meu cranco allucinado.
Dous annos contemplaste, em minha frente,
Um thesouro phantastico de preces,
Nascidas no passado
Como rosas no pincaro de um monte
E mortas no presente como o Sol
Na sangrenta mortalha do arrebol.

Responde: inda recordas
Aquella tarde fria de Janeiro
Em que despedacei todas as cordas
De meu plectro singello e alviçareiro?

Nós vinhamos de um enterro. (N'esse anno,
Eras bem novo; não me envergonhavas)
A sorte me trazia um desengano
E tu... me consolavas.

Ah! lembro-me que, então,
Sorri sem desejar, sorri chorando,
Pois, repetindo o hymno de uma illusão,
Ias me consolando
Enquanto eu lia, no teu forro verde,
Palavras de reclame em letras grandes:
«Vamos, nada se perde:
Nem dinheiro, nem gloria.
E, mais abaixo: *Loja do Fernandes*
Na Rua da Victoria...»

Ironia das Cousas! Quantas vezes
Minha casaca preta
Ri-se de mim! Tu mesmo, aqui ha mezes,
Me fazias careta!

(Ironias até no cemiterio
A mansão do pavor e do mysterio,
Pois na campa uma cruz mal desenhada
Parece uma risada!)

Mas vae findar aqui o nosso apego . . .

E, para terminar :

Ordeno-te que vás agasalhar
A cabecinha tremula do cégo.

Somos ambos mendigos :

Elle, cantando, pede luz e pão,

Eu peço dous abrigos :

Esperança e Illusão!

1897.



Sonho desfeito

...e o coração? Mataste-o! olha: o que nelle havia
De terno e de ideal, vejo desfeito agora
Como em lodo desfaz-se o labio que descora
Nas taboas de um caixão, dentro da terra fria.

Essas loiras manhãs de psalmos, de alegria,
Já não fallam de ti, e Junho vae-se embora
Sem um riso de luz, sem um canto de aurora...
Que saudade cruel! Que profunda agonia!

Nosso idyllio findou como findam as rosas
Quando, já morto o Sol, vão surgindo medrosas
As estrellas no Azul, como sonhos dispersos.

Vem, formosa Mulher! Não temas, vem commigo:
Sobre a minh'Alma extincta, um funebre jazigo,
Põe a cruz de teu Beijo e a cruz de meus Versos!



Espirito e Materia

A Manoel Dantas.

No anseio, no labor do mais profundo esforço,
Homem! Sondas de balde a Terra e o Firmamento!
Podes subir ao Azul, doirando o Pensamento,
E o lodo revolver, triste, curvando o dorso...

Tu, bastardo de Deus! synthetisas, n'um escorço
A Luxuria e a Pureza, o Sorriso e o Lamento:
Choram dentro de ti, n'um funebre memento,
As endeixas do Amor e os gritos do Remorso.

Materia e Protoplasma, Infusorio e Protista,
Corvo que desce á lama, Aguia que eleva a vista,
Mocho que odeia o Céu, Pomba que adora a luz,

Homem! teu coração recorda uma balança:
N'uma concha—o Ideal do Christo e o iris da Alliança
E, na outra, — Satanaz a sorrir de Jesus!



Miseria Humana



Miseria Humana

(A proposito de um crime.)

A Juvenal Lamartine

Os cães desenterraram ha dias uma
criança recém-nascida, tendo ao pescoço
uma fita que serviu para asphyxial-a.

(Noticia de um jornal.)

Sumiu-se, ha muito, o Sol nos abysmos do Occaso.

Trevas, trevas, somente. Erra, tonto, ao acaso,
O Remorso, a buscar um antro onde se acoite.
Dormiu o dia inteiro, e, acordado, afinal,
Anda de seio em seio, a povoar a noite

Da Loucura e da Dor, da Nevrose e do Mal.
Quando o Dia finou-se, elle riu, bocejando
E disse, vendo o Sol que se ia occultando,
No sudario sem fim do Poente sombrio:
Que martyrio cruel! E' já tarde, faz frio
E eu tenho de vagar, em procura do Crime.
Onde irei avivar a tragedia sublimae
Que o Homem representa, em face do Planeta?
Onde irei sacudir o pó de minha ruina,
A sombra de meu odio, infinito, sem meta,
Bem maior do que o Mar borrascoso e ondeante,
Bem maior do que a Noite, estrellada e divina?

Onde irei embeber minha garra gigante?

Isso disse e partiu n'aza fria do Vento,
Em procura do Crime, em busca do Tormento:
—Boas noites, irmãos. Vim pedir-vos asylo.
Cae lá fora a geada, a frieza do orvalho
E não sei onde possa encontrar agasalho,
Um albergue feliz, onde durma tranquillo...
Sabeis: ha, por ahí, casarões já usados,
Seios de meretriz, corações de soldados,

De bandidos venaes, Almas que vertem pús
Como o Sol no Zenith deixa cahir a Luz:
Em jorros, em cachões. Mas, vêde, estou cançado.
Do commum terra a terra em que vivo isolado.
Desejo ir habitar um parque não vulgar •
Onde existam, ainda, uns restos de luar,
Onde as flores do Mal venham brotando apenas
Como brotam no Azul.. as estrellas serenas.
Quero um ninho subtil, inda quente de beijos
Onde possa cevar todos os meus desejos,
Sem ouvir o clamor de maguas costumeiras
E o soluço imbecil de ladrões e rameiras...

E o Crime respondeu, sereno e victorioso:
Vendo estàs, no divan de salão magestoso
Alguem que chora e ri, na volupia da Dor?
Que semblante gentil! Que delieado torso!
Que gestos ideaes! Tu não achas, Remorso?
Pois bem: aquillo é meu. É tão covarde o Amor
—O Amor a quem odeio, o Amor a quem desprezo—
Que entregou-me, a chorar, essa pobre creança
Esse mímico gracil, essa rôla tão mansa.
Um Sileno qualquer, Judas que se diz Creso,
Dos que emprestam dinheiro a cem por cento ao anno,
Arrancou-lhe o pudor e deu-lhe o desengano.
Agora, vê lá bem! ella, a virgem de outr'ora,

Prostituida já, vai suffocar o filho
Como alguém que da luz fosse extinguir o brilho,
Como um anjo do mal que apunhalasse a Aurora...
Remorso, espera ahi, é preciso estugal-a.

E o Crime desnudou-se para ir ensinal-a.

Uma scena cruel viu-se, então, n'esse instante:
A moça, já n'alcova, atirou-se a chorar
No leito, onde, talvez, illuminara o amante
Com a flamma do Amor e a caricia do olhar.

A creança dormia... a sonhar.. a sonhar..

Na santa inconsciencia ingenua da pureza
Branco lyrio infantil, parecia sorrir,

Qual si a su'Alma casta, a su'Alma indefesa
Chamasse alguém do ceu, que não queria vir.
Rosa pulchra e mimosa! Alva bonina núa,
Nascida no mysterio hediondo do peccado.
Como o cysne incuidoso e leve que fluctua
Sobre as aguas fataes de um charco enlameado,
Ella, tão loira e branca, ella, tão santa e pura,
Dormia, reclinada, inerte, sobre a lava
De um coração de mãe que o Crime avassalava.
Fez um gesto, accordou. Tinha sede. pediu
No vagido da dôr, o que pede um menino:
O calor maternal de um affago divino,
A quentura de um collo, onde a paixão fulgiu.
A pobre lhe estendeu, n um gesto indifferente,
O seio purpurino e o anjinho, que sorte!
Poz-se a chupar-lhe o sangue impetuoso e quente.
D'onde a Vida jorrava e ao mesmo tempo a Morte.
Disse-lhe, então, o Crime em voz baixa, á surdina:
—Que grande estupidez, essa de ter um filho
Sem as formas legaes do santo sacramento!
E' preciso seguir o costumado trilho;
Da Natureza a lei não vale um juramento.
Não ignoras, demais, que a velha sociedade
Gosta da Hypocrisia e adora o Sambenito,
Que a serena virtude é somente vaidade,
E que o homem sem ouro é um pária maldito.
Toma, por conseguinte, um conselho prudente:
Na lama do quintal enterra o pequerrucho,
Que não passa, afinal, de um objecto de luxo,

Para quem, como tu, deve ser innocente.
Si souberem que és mãe, sem a benção do rito,
Podes, flor sem matiz, a pureza incensar :
Nunca mais passaràs de um Archanjo proscripto,
Satanaz que manchou a pureza do lar !

Mas, soluças ? Porque ? Ai ! são cousas do instincto,
Que nem sempre contem a precisa fereza ;
Hoje as leis em vigor (repara . . . vê si minto)
São as leis da Razão e não da Natureza.
Affagas o teu filho ? Isso é bem maternal
Mas pode commover e a piedade é um mal . . .
Honradez n'este caso ? Ella é só permittida
Aos que nascem no lodo, aos que vivem na lida,
Do trabalho plebeu, sem futuro, sem norte . .
Mas esses são tão vís que receiam a morte
Do filho que nasceu sem licença da Igreja,
Pobre gente infeliz que a fortuna não beija !
Vamos ! estende a mão ! O mundo assim o quer.
Nem é só dar á luz a missão da mulher
Depois, quem disse a tí, ó murcha flor sem haste,
Que não podes dispor do verme que geraste ?
Olha : não és nenhum fero dragão do Marne :
Nem tu matas ninguera ; feres a tua carne !

Emquanto, brutalmente, o Crime assim falava,
A desditosa moça o filho asphyxiava.

E, perto, sobre o altar, um Christo moribundo,
Olhava, ensangüentado, esse drama de pranto:
Seu olhar era triste e resumia um mundo
De lagrimas e dor, de coleras e espanto..
O' Genio primitivo! ó grande solitario
Das montanhas azues da velha Galiléa,
Pensador ideal, combatente da Idéa,
Que de sangue orvalhaste o cimo do Calvario;
Espirito viril, cujo sonho infinito
Era um pallio a guardar o riso da bondade;
Alma da côr do Azul estrellado e bendito,
Cuja crença deu sol a toda Humanidade,
Cuja vida é um céu sobre um antro maldito ..
Quantas vezes, ó pobre exilado do amor!
Eu tenho perguntado aos alvacentos montes,
A's ondas do Oceano, ao profundo clamor
Dos vagalhões, no Mar, ao Sol, nos horisontes,
De que serviu a cruz, em cujos hombros vejo
N'um nimbus cor de rosa, o teu semblante lasso,
Na convulsão extrema, inda mandando um beijo,
Aos que riem de ti: um derradeiro abraço!
Quantas vezes, ó Christo, eu indago do vento
Aonde paira a Fé, aonde mora a Crença,

A Fé, que nos legaste, em lugubre tormento,
Já no pego sem fim da eterna noite imiensa?

Olho o Mundo com tédio, e, encarando o Universo:
Vale a pena, Senhor, morrer por essa raça
Que traz no coração o remorso, a desgraça,
E que os filhos engeita? — eu pergunto n'um verso.

Si tu és, na verdade, o Deus das Escripturas,
E si além d'esta vida existe o Paraiso,
A fulgir na planície extensa das alturas,
Formoso como o Bem, doce como o sorriso...
Tem compaixão, Senhor, não de mim, nem do pobre
Que só tem por abrigo o Céu, que a todos cobre;
Nem da loira creança, esfarrapada e nua,
Soluçando, faminta, á fria luz da Lua;
Mas da lama feliz,— dos senhores da terra
Que contém tanto lodo e tanta infamia encerra,
Dos Astros ao fulgor na vastidão etherca;
Do misero avarento, em cujo eburneo cofre
Em oiro vae mudar-se o pranto de quem soffre,
Em oiro vae tornar-se o grito da miseria;

Do rei perverso ou máo — phantasma velho ou novo
Cujo manto real é mortalha de um povo ; —
Do sophista venal que estrangula a virtude
Com o dolo da lei, quando fúnesta e rude ;
Dò hypocrita sem fé que conspurca os altares ;
Do padre d. juan que prostitúe os lares ...
Deixa cahir, emfim, tua benção divina,
A voz do teu perdão, cheia de sol e brilhos,
Sobre a alma cruel, sobre a mão assassina ...

Sobre o seio das mães, que asphyxiam os filhos !

1898.



Crepusculo

Tudo sereno, tudo vago e immoto...
Ha no pallor da tarde peregrina
Um que de doce, placido e remoto,
Lembrando um echo exul de voz divina.

E desce a Noite, pouco a pouco. Trinã,
Na solidão do Firmamento ignoto,
Não sei que doce passaro; e, á surdina,
Desbrocha o canto como a flor do loto.

Scismo ; scismando, a vejo na janella,
Pallida e triste, vaporosa estrella
Vendo as estrellas no siderio mundo

E, ao seu olhar, tudo se move : o Vento
Chora ; o Mar, tambem ; e o amplo Firmamento
Fica mais alto e fica mais profundo !

1901.



*Ironia do destino**A Segundo Wanderley*

I

Poeta, onde vaes tu? Que doirado sorriso
Afugenta de ti a loucura e o pavor?
Que Mulher caridosa abriu-te o Paraiso?
Onde vaes? onde vaes?

—Vou caminho do Amor

II

Poeta, onde vaes tu? Que fulgor, que lampejo
É esse que illumina a tua Alma vencida?
Que Mulher ideal te alentou com o seu beijo?
Onde vaes? onde vaes?

—Vou caminho da Vida!

III

Poeta, onde vaes tu? Que profunda harmonia
O teu Ser accordou n'essa trilha illusoria?
Que Mulher veio encher a tu'Alma vasia?
Onde vaes? onde vaes?

—Vou caminho da Gloria!

IV

Poeta, onde vaes tu? Fallas do Amor, da Vida,
E procuras a Gloria entre os cardos da Sorte...
Ama! dou-te uma noiva: a tu'Alma dorida!
Vive! dou-te um repouso: o descanso da Morte!



Primavera

Eu bem senti n'aquelle dia — quando
Me foste vêr — o carinhoso beijo
Que a tua bocca, niveo lyrio brando,
Guardava para mim, n'um doce harpejo.

Senti passar o luminoso adejo
De teu Sonho ideal em mim tocando..
Mas eis-me ainda, asceta miserando,
Morto de amor e morto de desejo.

Volta, formosa! Um coração te espera:
Ha de nascer em nós a Primavera,
Como nos bosques vae nascendo agora.

E, então, n'um beijo prolongado e quente,
Nós mataremos esta sêde ardente,
Esta fome de amor que nos devora!



Lyrios ..

*Á santa a quem devo
os meus melhores versos.*

I

Vê tu que sonho eu tive hontem, quando
A' janella chegaste alva e risonha ;
Eras um pé de lyrio desbrochando
Dentro da alma que contigo sonha.

Cahia a Noite, merencoria ; o Espaço
Toldava-se de negro ; e, n'um momento,
Prendia a Natureza, n'um abraço,
A Terra e o Céu, o Mar e o Firmamento.

Tú, pé de lyrio, na mais doce calma,
Começaste a florir os meus martyrios,
E, como estrellas, me brotaram n'Alma
Lyrios... mais lyrios... muitos lyrios... lyrios...



Rosas ..

II

Tinhas no collo as duas mãos unidas
Quando deixei cahir, entre os teus dedos,
A rosa, em cujas folhas doloridas
Narrei-te os meus segredos...

No ninho morno de teu branco seio,
Queixoso como um rio em doce calma,
Prende, n'um gesto de ternura cheio,
Essa flôr de minh'alma.

Ou desfolha-a sorrindo e, rindo, junca,
Da Via-Lactea a estrada indefinida,
Que eu nunca amei ninguem na minha vida
Como te adoro, nunca...

Porque não has de crêr n'esses divinos
Anceios de minh'alma, ó jurity?
Meus versos todos, todos os meus hymnos,
Clamam, choram por tí...

Seja esta flôr bem como um pallio aberto.
Em bençãos sobre as almas dolorosas:
Surjam de nossa vida no deserto
Rosas... mais rosas... muitas rosas... rosas...

Fevereiro, — 1901.



Barboleta rubra

Marmore vivo, marmore sagrado,
Extranha flor de petala rorante;
Marmore da côr do Cravo; ensanguentado
Marmore de alva carne palpitante;

Tu, cuja linha, esplendida, radiante,
Lembra a Vida Pagã, o tempo alado
Do Sonho Grego, do clarão triumphante
Das idades remotas do passado;

Marmore vivo, marmore sereno,
Vem, cantando, enxugar o rosto helleno
Da casta musa de ideaes despertos.

Que o seu olhar o teu perfil descubra
E te conduza, ó borboleta rubra,
Na sonora alleluia d'estes versos!



Porque ?

À vaga luz de um Por-de-Sol tristonho
Eu penetrei na Cathedral immensa :
Levava n'Alma o tenebroso sonho,
A pavorosa noite da descrença.

Fundo silencio ; desolada calma ;
O Mar se ouvia apenas longe... longe...
E eu, sentindo o desespero n'Alma,
Ajoelhei-me como um velho monge.

Puz-me a escutar, então, o que dizia
Dentro do peito, o coração ; e, pasmo,
Vi-o chorando o riso da ironia,
E gargalhando o pranto do sarcasmo...

1898.



Resurreição

Meu coração jazia no seu hcrto
Despedaçado pela dor, ferido
Pela nevrose da loucura, morto
Pelo escarneo do mundo empedernido . . .

Eu murmurava, em meio do caminho
D'esse viver escuro e amargurado :
Trago no seio um passaro sem ninho,
Pelas garras do tédio estrangulado.

Mas tu vieste. E, como, lentamente,
Syrius desponta, em luzes envolvida,
Vi nos teus olhos, tremula e silente,
A estrella da Manhã de minha vida.

E o coração d'esse torpor, coitado!
Foi, pouco a pouco, a estremecer, sahindo:
Como a phalena do casúlo amado,
Como a creança quando accorda, rindo...



21 DE ABRIL

21 de Abril

AO «CONGRESSO LITTERARIO»

Meu Verso é como um lago, é como um grande rio
Onde vêm estampar-se as minhas illusões...
Ora reflecte o Céu tristemente sombrio,
Ora reflecte o Azul derramando clarões.

Tem lampejos de Sol e lagrimas de treva,
Relampagos de Tédio e sarcasmos de dor,
Mas como o lago, á noite, a lua ao céu eleva,
Elle eleva tambem o sacrario do Amor.

Meu Verso é como um rio: agita as ondas mansas
Se o affaga a Paixão, com saudade e ledice;
E conduz, n'uma rosa, o beijo das creanças,
N'um galho de cypreste, os sonhos da velhice.

N'elle, cruzam-se, á toa, aves do Mar, gaivotas
E passaros da Terra e scintillas do Céu.
Umás de longe vêm: de paisagens remotas,
Outras de perto vêm: de chimeras sem véu...

Uma geme, outra ri; uma scisma, outra chora
Na liquida esmeralda, extensa e movediça,
Ora, ao doce pallor dos sorrisos da Aurora,
Ora, a luz do Poente, abafada e mortiça.

E quando a estrella d'Alva, a irmã dos lyrios brancos,
Imprime o seu fulgor no leito de meu Verso,
Elle abre-lhe o seio, elle mostra-lhe os flancos
Onde agita-se a vida eterna do Universo!

Às vezes, ao fulgor das frias madrugadas,
Ao sonoro accordar das veigas mystericasas,
Elle reflecte a luz das loiras alvoradas,
Paisagens de luar e canticos de rosas...

E descem na corrente, ao sussurro das aguas,
Crepusculos de sóes em ouro diluidos,
Virgens mortas, boiando em tunicas de aguas,
Flores de nenuphar .. e espasmos... e gemidos..

Espelho de crystal, adamantino, enorme,
N'elle vê-se do céu a guirlandada esphera,
Sombria, quando é noite e a Natureza dorme,
Fulgente, quando é dia e accorda a Primavera...

Agora está em festa o rio, o lago, a fonte...
Reflecte-se no Verso, em pompas de Victoria,
Um pedaço da tela immensa do horisonte
Do paiz ideal, onde flammeja a Gloria...

E, na margem do lago, alvoroçam-se, ardentes,
As minhas illusões, phantasticas e bellas,
Vendo no Azul passar o grande Tiradentes,
De louros coroado e nimbado de estrellas...

E assia como n'um lenço, outro'ra, na Montanha,
Jesus deixou gravado o rosto, em brilho immerso,
O semblante do Heroe, cheio de luz extranha,
Reflecte-se em minh'Ama e fulge no meu Verso!

21 de Abril de 1899.



Alma ferida

© resto é silencio...

HAMLET.

Deus ou Acaso, Acaso ou Providencia,
Realidade ou Sombra enganadora,
Materia bruta, ou luz da Intelligencia,
Quem quer que sejas, Força Creadora,

Porque me deste a misera existencia
Que não pedi, e o coração deplora?
Finde-se logo a rude penitencia...
A Vida é um mal para quem soffre e chora.

Orar! porque resar, homens felizes,
Si o Nada não distingue, entre as raizes
Do cyprestal, a mumia que se cala?

Na tumba escura, saberão os vermes
Quem assassina os passaros inermes
E o cçração dos tristes apunhala?

1898.



Pesadelo

Paradelo

A João Dionysio

O POETA :

Quero mudar-me em lodo, em lama, em nada...
E' melhor não sentir (doce conforto!)
Que ter um'Alma e vê-la estrangulada,
Ou ter um coração e vê-lo morto.

A Força Creadora do Universo
Gerou-me o corpo, transformou-o todo...
Porque não vago sobre o pó, disperso?
Porque sou mais do que Materia e lodo?

Homem! Que vales tu? Ser consciente,
O Espirito que vale, encarcerado?
Tem azas, é verdade! Azas somente,
Pois vê que até o Espaço lhe é trancado!

Maldita a Força que gerou os Seres,
Os Seres vivos e lhes deu o Amor,
O Amor que engendra homens e mulheres,
Só para vê-los mortos pela Dor!

Será possível que a Razão encarne
Para chorar da Magua nos destroços?
Por mim quizera vê desfeita a carne,
A mascara que trago sobre os ossos!

Não é verdade, Hamleto, que a demencia
Vae embaçando a Idéa pouco a pouco?
O que sabemos, Fausto, na existencia,
Senão que o maior sabio é o maior louco?

ESPIRITOS, no Espaço:

Crê no Insabido! Pensa no Mysterio,
Pois a ventura se concentra n'isto!
Contempla o Azul immaculado e ethereo...
Elle recorda a tunica do Christo.

O POETA:

Feliz? Mas quem o foi? A magua medra,
Ferve no Sangue atormentado e quente:
Feliz é o verme, é a rocha, é a pedra...
Feliz é o que rasteja e o que não sente!

1899.



Nada

A Antonio de Souza

Quanto mais soffro mais descreio. Agora
Cheguei ao céo da Duvida Suprema.
E é a existencia, para mim, a algema
Que rouba o condemnado á luz da Aurora.

Revolve a Alma, que não crê, nem ora :
Alma de doudo, cujo eterno thema
E' rir da Dor, Alma de doudo, fóra
D'isso em que andamos, haverà quem gema ?

É muda a Alma e fria e desolada,
Porque vê bem que o fim de tudo é o Nada,
O silencio de um sino após o dobre...

Mente o amor! Mente o sorriso, mente,
E é um engano o proprio céu luzente,
Uma Chimera Azul que a todos cobre!

Abril,— 1901.



Por amor de una rosa

A nossa villigatura

lê-se n' A Universal, revista fundada e dirigida por Alcino de Jesus Nobre, em 1902, n.º 35, ~~de~~ 11, em 30 de Março.

do mesmo anno: "Ha em Cambuqui um bellissimo parque, cultivado sob a cuidadosa inspecção de destacadissima isopora de Dr. Ferreira Neto, medico director do Estabelecimento heptoterapico de Empresa daquelle estacio de aguas. No parque, ha uma infinidade de roseiros de diversas especies. Para evitar abusos, e prohibido, sob pena de multa, "Tocar nas plantas e pisar na grama". Distractid, H. Costrician, um dos nossos poetas mais singels e por isso mais apreciados, cortou uma rose, offeandoo a nã boutonniã e sahio... quando o guarda intimou-o a pagar a multa.

Uma grupo de senhores, que o espreitavam e esperavam pela intimação, corriem a fugir - ha segunda a de escrever "qualquer coisa sobre o facto, num livro que ali ha destinado ás impressões dos apoteicos.

Eis o que elle escreveu:

Por amor de uma rosa

CARTA AO DR. FERREIRA NETTO.

(Escripta no parque de Cambuquira, em M. Geraes.)

MEU CARO DOUTOR NETTO:

De uma tremenda culpa
Eu, que aliás sou discreto,
Venho pedir-lhe desculpa.

Tenha para commigo
A doce piedade de uma mulher,
E, após a confissão, dê-me, em castigo . . .
As duchas que quizer.

Ouçã, pois, o meu crime,
E verã que o motivo da defesa
Inspirado no amor da Natureza,
Tem algo de sublime.

* * *

N'uma dessas manhãs em que o Sol nasce,
Abrindo os lyrios e tingindo as rosas,
Do céo doirando a crystallina face,
E despertando as aves buliçosas,

Alma que sonha e devaneia e canta
Eu, conduzindo a lyra,
Sahi para correr a Terra Santa
Chamada Cambuquira.

E puz-me a contemplar
Longe . . . bem longe . . . o Cèu
Tão azul como um véu
Côr do Mar, côr do Mar!

O perfil de uma serra
Erguia-se no Espaço,
Recordando um pedaço
Do coração da Terra.

Na densa e umbrosa matta
Um tenue veio, em placido abandono,
Inda tonto do somno,
Arrastava o seu manto côr de prata.

Na solidão da Esphera
Os passaros voavam
E, da gloria do Azul, annunciavam
O fim da Primavera.

Erguendo os ramos para a Immensidade,
Onde a chamma do Sol ria ao nascer,
As arvores, em doida alacridade,
Pareciam dizer
Que tudo sente a mesma anciedade
De viver! de viver!

E as doidas borboletas!
Essas, de galhõ em galho,
Vendo a manhan tão loira e tão risonha
Beijavam-se irriquetas,
Salpicadas de orvalho,
N'uma impudencia de fazer vergonha...

Lembra-me até que duas muito grandes,
Tendo nas azas oiro muito em pó,
Sobre mim adejaram
E, tremulas, noivaram
— Musa, com que coragem tu te expandes! —
Na golla estreita do meu paletot.

Aos glaucos arvoredos,
Andorinhas em bando
Iam, ternas, contando
Não sei que madrigaes e que segredos.

E em cada folha, em cada ramo, em cada
Riso da Luz, vindo do Céu n'um beijo,
Havia a graça da canção alada,
A prece do desejo.

E quando, no jardim,
Eu contemplava as hastes perfumosas,
Uma rosa avistei, entre as mais rosas,
Sorrindo para mim.

E minh'Alma que sempre se ajoelha
Ante o que é bello e delicado e santo,
Sentiu-se presa do mais puro encanto
Vendo essa flor vermelha...

Depois, errou na trama
De um dolo feio e ao mesmo tempo lindo
Porque, vendo uma nota proibindo
«Tocar nas flores e pisar na grama,»

Ella, a minh'Alma inquieta,
Que ri mesmo na cruz,
Poz-se a gyrar em torno á flor dilecta,
Como a phalena em derredor da luz.

Poz-se a gyrar, enquanto
Todas as outras rosas do jardim,
Cheias de orvalho—sempre o riso e o pranto! —
Motejavam de mim.

Principalmente a flor do meu desejo
Ria, do galho debruçada, ria,
Bem como um labio, rubro de alegria,
A supplicar um beijo...

Foi então, doutor Netto,
Que me esqueci de tudo
E commetti o lindo crime abjecto
De profanar a rosa de velludo.

Tirei-a dentre os ramos
Circundados de espinhos,
Assim como a creança rouba os ninhos,
Aos pobres gaturamos.

Depois... veio o remorso do meu crime...
Os dois olhos em chamma
Liam no azul infindo—
No proprio azul purissimo e sublime!—
O signal prohibindo
«Tocar nas flores e pisar na grama.»

E cuido ouvir agora
Em todo o parque, em toda a selva, em tudo,
Os queixumes da rosa de velludo
Morta ao morrer da aurora.

Emtanto não foi minha
Sómente minha, a culpa desta acção
Que merece perdão
Apesar de... mesquinha.

Tudo é culpado aqui: essa belleza
Toda! a agua murmurante e crystallina,
E o céu! e a matta! e o cimo da collina!
Emfim, a Natureza!

Aqui, nos mezes claros e formosos
Cheios de sol, de cantos, de esperança,
Regressamos aos dias luminosos
 Dos tempos de creança.

E, voltando a essa idade,
N'um aneio de luz casto e divino,
O coração procura a liberdade,
 Como todo o menino!

Por isso venho ao medico profundo
Pedir indulto! E a vóz da minha lyra
Seria desprezada em todo o mundo...
 Menos em Cambuquira!

Novembro, — 1901.



Trahidos

Quando, n'um riso, hontem, me fitaste
E eu te fitei, nervoso, muito a medo,
Beu como uma rosa, a tremular na haste,
Lí no teu labio a phrase de um segredo.

Nada disseste, flor, è eu nada disse
D'essa funda paixão occulta e louca,
Entanto, sei de cór essa doudice..
Sem que fallasse a tua nivea bocca.

Isso dirás também, formosa estrella,
Tú, cuja voz recorda um bandolim :
Mesmo calado, o Amor tudo revela...
Foi sempre assim em toda a parte... assim.



ΤΥΠΟΣ FEMININOS

Brasileira

A Rodrigues de Carvalho

I

Bella e morena, pallida e franzina,
Da blrasieira è esta a silhueta :
Eis o typo ideal de voz divina,
De cilios negros e de trança preta.

Mixto de cravo e Iyríc e violeta,
Nos labios tem a aurora purpurina,
Porque são roseos como a borboleta
Encarnada, voando na campina.

Noiva do Sonho, amiga da Chimera
Illumina-lhe a bocca o sol do Riso
Mais claro ainda que o luar da Esphera.

Capaz de dar a vida n'um sorriso,
Tem nos seios o olor da Primavera,
Nos olhos tem a luz do Paraiso !



Hispanhola

II

Morena, quasi como a brasileira,
Porém mais forte e mais voluptuosa.
Dansa o *bolero*, assim como uma rosa
Si o vento passa, dansa na roseira.

Ironica e gentil, muito faceira,
Como toda mulher, é caprichosa:
Voz de sereia, doce e languorosa,
Beijos de fogo e gestos de loureira.

Vae ás touraças ; não empallidece
Vendo o sangue cahir, em jorros quentes
Dos flancos de algum touro que esmorece.

Quando trahida, em beijos rescendentes,
Affaga o amante, rí ; mas, si pudesse,
Rasgar-lhe-ia o coração com os dentes..



Minhota

III

Aldeã portugueza, és tão bonita !
És tão mimoso, rouxinol do Minho ..
Sinto evolar-se o olor de rosmaninho
Que tens no seio, onde o Desejo habita.

Teu rosto, é qual doce maçã que excita
Os camponios, à beira do caminho :
Loira maçã dulcissima, exquesita,
Talvez... mordida por um passarinho.

Pastorinha gentil, por sobre as murtas
Não receias o cardo nos barrancos,
Erguendo as saias rendilhadas, curtas.

E os aldeões sentem bater nos flancos
A alma, quando o vestidinho encurtas
Mostrando a curva dos joelhos brancos...



Lorette

IV

Mãos de menina, roseos pés de fada,
Torso de neve e olhos deslumbrantes
Pousando nas *vitrines* elegantes ;
Linda, nervosa, loira, delicada..

Seu pensamento é a vaidade, o nada
Das rendas e das modas excitantes ;
Adora as phrases rubras, escaldantes,
E vae ás operetas decotada.

Reveste o amor de extranha bizzarria
Porque si hoje namora loucamente,
Abandona a paixão no outro dia..

O seu perfil recorda-nos somente
Uma boneca muito branca e fria
Uma creança anêmica e doente.



Italiana

V

Detesto o Sul da Itália: Amo Florença
E a florentina, casta como o lyrio...
Cante-a meu Verso! cante-a no delirio
Da Forma — estrella sob o céu suspensa!

Ingenua e branca. Punge-lhe o martyrio
Da tunica irial da Fé immensa...
Vive abraçada ao pallio azul da crença!
Por isso tem a pallidez do cyrio.

Quando a Manhã, em jubilos, accorda,
Ella, da brisa ao matinal cochicho,
Vae ás Egrejas, onde o amor transborda :

E, vestida sem galas, sem capricho,
Não sei porque nas Cathedraes recorda
Loira Madona que fugiu do nicho !



Ironia e Dôr

Ironia e Dôr

(Da carteira de um bohemio)

À *Antônio Silva*

Ha dias ando triste
E cheio de pêsares.
Meu coração, funebremente, insiste
Em reflectir em coisas tumulares.

Saio sempre a passeio
Com dois charutos e uma bengala fina,
Sentindo a Alma a escabujar no seio,
Nos pés sentindo... os calos da botina.

Enterro na cabeça o chapéo grave
E, de flor sobre o peito,
Percorro as Ruas, placido e suave,
Como si fosse alegre e satisfeito.

E, cançado de vêr a carantonha
Da humana gente, sempre em lucta accesa,
Vou contemprar de perto essa risonha
Mãe que venero : a doce Naturaça !

Em placido socego
Contemplo o Céu. as arvores contemplo,
E o largo Mar, como um formoso exemplo
De revolta, na praia do Morego !

Outras vezes, medito
Na rustica simplesa de meu cão,
E leio em seu olhar o doce rito,
A doce missa da consolação.

Leio todo um poema
De tristeza, de sonho, de humildade,
E compara-o ás paixões da Humanidade
Que tem na dor o seu continuo thema.

Leio o psalmo divino,
O cantico sincero da ternura,
Que ascenda para o Azul, bem como um hymno
Feito de amor e feito de amargura !

E digo muitas vezes
Pensando nos ingratos que encontramos
Do caminho da vida nos reveses :
Vale um exemplo o cão que nós amamos !

Vale um exemplo esse animal sem jaça,
Esse animal christão,
Companheiro leal e bom irmão
Nos tempos da Fortuna e da Desgraça !

Vale um exemplo, sim, porque da vida
N'essa medonha e funebre tragedia
A caricia de um cão, terna e sentida,
Faz esquecer dos homens a comedia...

Eu vinha assim pensando
Hontem á tarde, quando
O Sol dormente em trevas se abysmava
E a Noite as largas azas desdobrava.

Então, pulchra e sincera,
Da Natureza a casta voz chorosa
Trouxe ao meu ser esses clarões que a Esphera
Derrama no horizonte côr de rosa.

E um rubro incendio illuminou-me a alma:
Vi, dentro em mim, surgir a procissão
Dos meus sonhos tristissimos, sem calma
E sem consolação...

Ví, tremulo e maguado,
Como através de um vidro claro-escuro,
O céu do meu Passado,
O céu do meu Futuro...

Tudo! tudo vazio e sem manhã!
Nem um amor! um só amor! Ninguém
Na vida me quiz bem
A não ser minha irmã!

Por isso um riso de ironia trago
Constantemente a mascarar-me o rosto:
Riso feito de tédio e de desgosto,
Porém tranquillo como o azul de um lago!

E quando, acaso, os nervos agitados
Sacodem-me o organismo, fibra a fibra,
E o coração, no horror dos desolados,
Como um crystal, sonoramente vibra,

Para não vêr de perto a minha magua
Tão desolada e nua,
Enxugo os olhos amarelos d'agua
E saio para a rua..

Faço o que sempre fiz... o que fiz hoje...
Ponho uma flôr ao peito
E vendo, longe, uma illusão que foge,
A morte n'Alma, — rio satisfeito!

Natal.



A Missa do Mar

A Miguel Barros

Eis-nos sós, companheiro! Amargurado Oceano,
Deixa-me descansar ao pé de tí, meu velho...
Depois de ter ouvido o Ritual Romano
Quero apprender de cór o teu santo Evangelho.

Abre o verde Missal! Como um Padre, de joelho,
Põe nos hombros azues o manto soberano:
E do Sol preso ao Céu, de seu disco vermelho,
Faze uma hostia de luz, faze um symbolo humano.

Sobe o dia no Azul. Tontas de amor, no Espaço,
Gaiotas vão subindo... Ergue-se, ao longe, o braço
De um monte secular, entre nimbus risonhos...

E, ao vêr tudo ascendendo, eu procuro o infinito
De tu'Alma sem fim, para esconder n'um grito,
Minhas queixas ! meus ais ! minhas penas ! meus sonhos !



Pelas creanças

*Pelas creanças**A Guilherme de Miranda**Por ocasião de um festival em
benefício dos orphãos e viúvas dos
patriotas mortos em Canudos.*

Olhae: desceu a sombra. Abriu o pallio immenso
Por sobre o dorso nú das brancas serranias.
Brilham astros no Espaço; o Mar, como suspenso,
Atira, sobre a areia, espumas e ardentias...

Estrellas! Sôes da Noite! astros de loiro manto,
Monjas brancas do Azul, despensas n'amplidão,
Estendei o lençol alvissimo do pranto
Sobre a noite sem fim do nosso coração!

Desceu a treva : olhai. Sinistra, sobre espinhos,
Sobre as urzes feraes do monte solitario,
Passa a Morte a bramir em densos torvelinhos,
Relembrando na selva a angustia do Calvario.

Oh, virgem Natureza ! eterna fonte pura
Em cujo leito bebe o amor a Humanidade :
Porque veio a tragedia horrenda da amargura
Macular o teu seio e a tua virgindade ?

Quantas vezes o Sol, doirando a brenha e a matta,
Envolve, n'um lampejo, a magestade e o arminho
E a bala inconsciente ao mesmo tempo mata
Um heroe na peleja e um passaro no ninho ?

Então a Natureza, esplendida e suave,
A doce Virgem-Mãe de olhar vago e dorido
Nos braços — acalenta a pequenina ave,
E, no collo de pedra — o grande heroe ferido.

Quem sabe o que ella diz aos altaneiros montes,
Ao silencio da Esphera e ao grito do Oceano,
Quem sabe o que ella diz á luz dos horisontes
Vendo a treva inundar o coração humano?

Ás vezes, no pallor da bruma que esmaece,
Accorda; surge a Alva; a Aurora se levanta.
Mas enquanto desperta, entre chorós e prece,
O fanatismo audaz, apunhalando, canta.

A sonora canção d'Alvorada bemdita
Emmudece, ao rugido infrene do canhão;
E ao bravo, na agonia intermina e contrita
A estrella da manhã, — recorda um coração...

Um coração talvez que a desventura engoiva
—Beijo que se fez dor nas azas da esperanza—
Um coração de irmã, um coração de noiva..
Um d'esses corações que o amor torna creança!

No entanto é noite; vêde! O bravo que morreu
Espera a Estrella d'Alva exausto, exangue, inerte:
É que a Morte o cegou... e embalde fita o Céu...
É que a Morte venceu... gruda-lhe a bocca o verme...

Ai! não poder fallar, quando se deixa a Alma
Preso ao lar, que é o unico bem do Universo!
Ter por leito a montanha, infinita, sem calma,
E ouvir, talvez ouvir, o vagido de um berço!

Inunda de clarões, ó Jesus! este solo,
Dissolve a nossa magua, extingue as nossas dores;
Transforma o soffrimento em balsamo, em consolo,
Das chagas dos heroes, faze um ramo de flores!

Vem conosco expulsar os vendilhões do templo!
A Patria é uma Igreja. Os padres somos nós
Que andamos a pedir (immaculado exemplo!)
Esmola para o berço... em nome dos heroes!

Melancolica

Vendo-lhe os olhos húmidos de pranto
Sinto vontade de chorar, mas rio
Porque o sorriso é qual um grande manto
Onde escondemos nosso desvario.

Como é sincera a minha dôr ! No entanto
Ella propria talvez o choro frio
Queira esconder de mim, tendo o sombrio
Véu da saudade no seu rosto santo.

Fecundador dos Campos e do Trigo,
Sol bemfazejo! Dize tú, amigo,
O que não posso nem contar a Deus...

Doira-lhe os cilios cheios de bondade
Mas brandamente, ó Astro! Por piedade
Ai, não magões os tristes olhos seus!



Agonia do Senhor

*Agonia do Sonho**A Homem de Siqueira*

Vamos — pedi — aquella valsa triste
Execute ao piano: eu quero ouvil-a...
Quero saber si a Alma ainda resiste
Aquelles sons, onde o luar scintilla..

E as suas mãos pequenas, carinhosas,
Pousaram, de vagar, sobre o teclado,
Como dois lyriós, como duas rosas,
Como um casal de pombos, fatigado.

De pé, junto á janella, os olhos fitos
N'um ponto vago do horisonte immenso,
Meus Sonhos despersei e ví, contritos...
VÍ-os bater as azas, como um lenço.

Eram sonhos azues e sonhos brancos,
Niveos, dispersos pela Esphera santa :
Uns — tinham ais na maciez dos flancos,
Outros — volatas presas á garganta.

Meus olhos estão vendo um tão mimoso
Que ficam tristes e amarados d'agua,
Pois sobre as pennas, leva, carinhoso,
Um ramo de cypreste : a minha magua.

Outro... Inda recordo : um Sonho doce,
Como os olhos da moça que tocava
(Tão tenue que o sentí, quando evolou-se,
Mas sem saber que dentro em mim chorava.)

Lembra-me um outro, côr de sangue, rubro..
Esse era o Odio; conheci—o bem.
Partiu, irado, sob o Céu de Outubro
De meu Destino em busca... além... além.

Outro partiu sorrindo: um Sonho verde:
Ia, agitando as longas azas mansas,
Onde a vista não vae... onde se perde...
Era o Sonho das minhas esperanças!

E o ultimo? Coitado! sobre escolhos
—Ha-os tambem no ethereo isolamento—
Ia em busca de um astro que os meus olhos
Viam, na tela azul do Firmamento.

Não cantava; nem sei como sustinha
As azas, que as estrellas amparavam,
E seu olhar, tão placido, continha
Lágrimas, que do Céu por mim chamavam.

Era o sonho da minha mocidade,
Cheio de dôr e cheio de amarguras :
Procurava, tranzido de saudade,
Para morrer, um astro nas alturas.

E, enquanto, lá em cima, agonisava
O som final da valsa se extinguia :
A moça, destrahida, se ausentava
E a turba ria, indiferente... ria !



Volupia da Dôra

Volupia da Dôr

A Antonio Peixoto

Homem! Debalde, os olhos cheios d'agua,
Fitas o Céu, voltado sobre o mundo:
Quem é que pode definir a Magua
No que ella tem de mais eterno e fundo?

Tu, Shopenhauer — desvairada e louca
Alma cheia de fel e de ironia, —
Foste sincero quando a tua bocca
A Dôr, o Soffrimento definia?

Ella somente é positiva, rindo
Disseste, ó genio insolito e perverso..
E tanta gente, sôb o Azul infindo,
Eu contemplo feliz sobre o Universo!

Quem pode definir o que é a desgraça
Quando fulmina e nos extingue a calma?
Hamleto! a Dôr será isso que passa
Como um tufão, sobre as ruínas d'Alma?

Será o desvario porventura
Que mata a Fé e as Illusões engoiva,
Quando, levado alguém pela amargura,
Conduz nos braços o caixão da noiva?

Será o grito pungitivo e cavo
O lugubre estertor, o fel que rala
O coração, que se tornou escravo
Da mulher que o deshonra e que o apunhala?

Será o longo, o tetrico desgosto
Que sente aquelle que conduz comsigo
A mascara grudada sobre o rosto,
Trahindo, ás vezes, o melhor amigo?

Será o canto immenso e prolongado
Dos mendigos, á beira do caminho?
Ou o psalmo será, triste e maguado,
De um rouxinol chorando sobre o ninho?

Será, talvez, o horror de Magdalena
Aos pés da Cruz do meigo Solitario
Emquanto a Lua, pallida e serena,
Illuminava o cimo do Calvario?

Será, talvez, a prece de Maria
Quando, nas garras de um destino incerto,
Jesus, doce e pequeno, conduzia
Sobre as areias nuas do deserto?

Dizem que a Dôr é tudo isso. No entanto
O mundo será sempre um paraíso :
O riso... existe como existe o pranto...
O pranto.. existe como existe o riso..

A derradeira lagrima sentida
Que illuminou os olhos de Jesus
É o completo symbolo da vida :
Uma parte — era de treva, outra — de luz.

Tristes de nós, tristes de nós, coitados !
Si não houvesse a lagrima que chora
Sobre o rosto febril dos desgraçados
E sobre as azas virginaes da aurora...

Pobres de nós, si a Vida não tivesse
A Dôr que mata, que nos dà o goso
Do soffrer... do soffrer... E, n'uma prece,
Eleva a Alma para o Azul formoso.

Mesmo a blasphemia, o grito de revolta,
Qualquer brado de dor, é necessario :
Accorda o Céu, bem como a flecha solta
Que traspassasse o Christo no Calvario.

Porque somente o dardo do Martyrio
Purifica, e nos dá a consciencia
Do Destino immortal que, á luz de um cyrio,
Triste, acompanha a Alma na Existência.

Ella somente, sim ! Somente a Magua
Levanta o homem corajoso, forte,
E fal-o rir, os olhos cheios d'agua,
Do riso negro, sem clarões, da Morte.

E, quanto a mim — soffro gosando. Penso
Que nada ha mais banal do que a alegria :
Acho um prazer horrivelmente intenso
Na volupia da Dôr e d'Agonia...

ERRATA

Pag. 15, — Depois do verso 4º leia-se este, que escapou á revisão :

« Alvo como um jasmim no mez de Março abrindo. »

Pag. 23, — verso 4º da 1ª estrophe. Leia-se em vez de *deixando*, *deixado*.

Pag. 33, — verso 1º da 2ª estrophe. Leia-se : *Seus olhos verdes como è verde a giesta*.

Pag. 43, verso 2º :

...e que *ri-se* de ti... »

E' a celebre questão de collocação dos pronomes. O critico exigente pode fazer a emenda, não só n'este verso como em outros. Tomo, entretanto, a liberdade de lembrar que esse modo de dizer desde muito se tornou uma feição particular dos brasileiros do Norte.

Demais, os grammaticos são os primeiros a *affirmarem* que o phenomeno linguistico da collocação dos pronomes não está sufficientemente observado...

Parece-me que no verso deviamos ser dis pensados dessas regrinhas que, muitas vezes, determinam sons asperos e chocantes. José de Alencar deixou de observal-*as* na prosa...

Pag. 51, — verso 10º Leia-se : *Elle* onde está *Ellei*.

Pag. 224, — verso 4º, estrophe 2ª. Leia-se : *ruinas* onde está *rulnas*.

INDICE

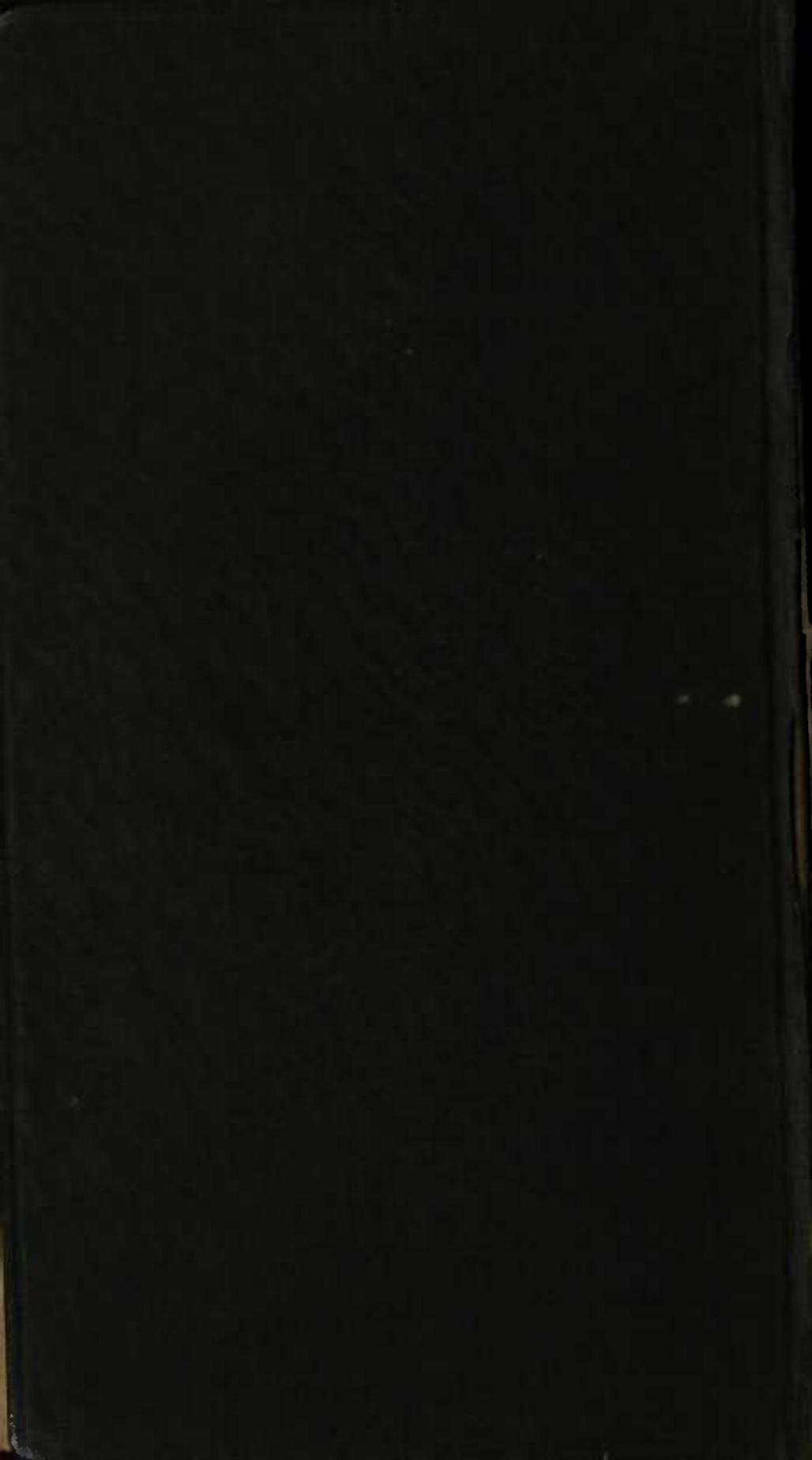
PREFACIO

Vibrações	pag.	11
Alma das Cousas	"	19
Febre	"	25
Historia de uns versos	"	29
Licção errada	"	33
Quando eu morrer...	"	35
A divina illusão	"	39
Madrigal	"	56
Flor de carne	"	57
Amor pagão	"	59
Golgotha	"	63
Coração mudo	"	70
Andorinhas	"	75
Monologo de um bisturi	"	78
Marina	"	83
Artista	"	89
Sonho grego	"	91
A' tóa	"	95
N'uma mansarda	"	99
Arvore amiga	"	103
Feliz	"	109
A rosa	"	113
Na missa	"	116
Ao meu chapéu	"	119
Sonho desfeito	"	125
Espirito e materia	"	127
Miseria humana	"	131
Crepusculo	"	141
Ironia do destino	"	143
Primavera...	"	145
Lyrios	"	147
Rosas	"	149
Borboleta rubra	"	151
Porque?	"	153
Resurreição	"	155

	pág.
Vinte e um de Abril	159
Alma ferida	163
Pesadelo	167
Nada	171
Por amor de uma rosa	175
Trahidos	183
Brasileira	187
Hespanhola	189
Minhota	191
Lorette	193
Italiana	195
Ironia e dôr	199
A missa do mar	205
Pelas crianças	209
Melancolica	212
Agonia do sonho	217
Volupia da dôr	223







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).